

Observar o espaço público: ferramentas transdisciplinares de análise das sociabilidades e espacialidades urbanas

(Escadinhas da Saúde, Lisboa)

Bruna França de Pontes

Dissertação de Mestrado em Estudos Urbanos

Orientador: Prof. João Pedro Nunes

Setembro 2021



OBSERVAR O ESPAÇO PÚBLICO

Ferramentas transdisciplinares
de análise das sociabilidades
e espacialidades urbanas

(Escadinhas da Saúde, Lisboa)

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Urbanos, realizada sob a orientação científica do Professor João Pedro Nunes

Aos que acolhem e viabilizam as
práticas da vida pública nas cidades.

“Se os contatos interessantes, proveitosos e significativos entre os habitantes das cidades se limitassem à convivência na vida privada, a cidade não teria serventia” Jacobs (2011), p.59.

AGRADECIMENTOS

Em contexto de dificuldades, crises e tantos obstáculos, eu não teria conseguido dar um único passo sem a rede de apoio que tive o privilégio de ter no decorrer da minha vida. Esta rede fez ser possível encontrar algum equilíbrio e paixões nos percursos. Sem os diversos modelos de amor, família e afetos, nada disto seria possível.

Aos meus queridos pais, meu agradecimento especial. Pelo cuidado e transmissão de convicções e acolhimento profundo. A vossa dedicação faz de mim o que sou, e por isso sou honrada. Obrigada por fazerem isto tudo ser possível.

Às minhas irmãs e sobrinhas queridas, minha admiração e identificação. Vocês foram refúgio e alegria em momentos de solidão. A minha força é arrebatada pelas suas histórias. Admiro e reverencio a vossa existência neste mundo.

Dedico meu coração à minha rede de afetos espalhada pelo mundo e famílias em Portugal. À Casa da Mata pelo abrigo, aceitação e parceria nos projetos da vida e nas construções de mundos. Tenho expandido meus olhares através de experiências e amores que se somam e se multiplicam. Obrigada por tudo.

Meu mais respeitoso agradecimento ao apoio do professor João Pedro Nunes, pela paciência, confiança e força transmitida durante todo o processo. João me abriu olhos e

portas para aprofundar o que havia de melhor nas minhas aspirações. Obrigada pelo conhecimento e acolhimento que me foram transmitidos. Sou profundamente grata.

Aos que têm resistido a essa pandemia, dentro do que vos é possível, em constante busca por segurança e sanidade, meus sentimentos pelas dores de tamanhos inimagináveis já enfrentadas até agora. Tempos melhores virão, em cenários que sejam possíveis a construção de sociedades mais justas, sustentáveis e comunitárias.

Por toda minha comunidade no Brasil:
Fora Bolsonaro.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Questões de partida	12
1.2 Metodologia	14
2. RECONHECER O ESPAÇO PÚBLICO	17
2.1 - Percepções e definições	19
2.2- Diferentes práticas e técnicas para a observação, interpretação e construção de análises do espaço público	27
2.2.1 – O projecto de investigação PSSS (Public Space's Service System) – Guia de avaliação e interpretação do espaço público	29
2.2.1.1 - Sistema, Serviço, Actores e Valor	31
2.2.1.2 - Aplicação: Sistema, Serviço, Actores e Valor	35
2.2.2 – Um olhar sobre as técnicas de observação de Jan Gehl e Svarre;	38
2.2.2.1- Contar, mapear, traçar, buscar rastros, fotografar, manter um diário e caminhar	40
3. PARA ALÉM DA DESLOCAÇÃO - As Escadinhas da Saúde enquanto espaço público	43
3.1- As Escadinhas da Saúde e suas envolventes	45
3.1.1 - Contexto Histórico	46
3.1.2- As Escadinhas da Saúde na malha urbana e na paisagem - uma análise espacial através de mapeamentos e diagramas.	54
3.2- Utilizadores, fluxos e permanências nas Escadinhas da Saúde	61
3.2.1- Contagens e diário de campo - teoria e metodologia, técnica e elaboração de dados	62
3.2.2 - Contagens, Ferramentas e Resultados - uma aproximação quantitativa aos usos das Escadinhas da Saúde	67
3.2.3 - Diário de campo: algumas observações da espacialidade e sociabilidade nas Escadinhas da Saúde	73
3.2.3.1 - Da Re-Volta à Triangulação: explorando espacialidades e sociabilidades a partir de uma instalação efémera	75
3.2.3.2 - Usos turísticos e usos locais das Escadinhas da Saúde	78

4.	INTERVENÇÃO TEMPORÁRIA	80
4.1-	"The effect of more sitting" – O banco vermelho e os registros fotográficos e audiovisuais	
5.	AS MICRO-INTERAÇÕES SOCIAIS E O DESENHO DAS ESCADINHAS DA SAÚDE	89
5.1	- O conceito de "Fourth Places"	90
5.1.1	- 'Thresholds'	93
5.1.2	- 'Paths'	94
5.1.3	- 'Nodes'	96
5.1.4	- 'Props' - views as props/small scale	97
6.	CONCLUSÃO	101
7.	BIBLIOGRAFIA	105

RESUMO

Palavras-Chave: **Espaço Público, Técnicas de Observação, Diagnóstico Urbano, Vida Pública, Interações Sociais, Espacialidade Urbana**

O estudo do espaço público está vinculado a uma grande variedade e complexidade de definições e categorizações. Historicamente, a partir das problemáticas associadas ao desempenho destes espaços, têm resultado múltiplas práticas de observação e análise espacial e social - tendo este último aspecto, no domínio do planejamento urbano, um foco reduzido até o séc.XX - meados da década de 60. Após o movimento moderno, consolidou-se o espaço público conceptualmente e, com isso, o debate do aspecto da vida pública.

Este trabalho teve como meios principais a análise multidisciplinar da vida pública e da espacialidade urbana, através da utilização de técnicas vinculadas à observação e vivência do espaço.

Lisboa é caracterizada por seus grandes declives e bairros milenares. A presença de estruturas que facilitam as deslocações, como as escadas, ascensores e elevadores, são recorrentes. As Escadinhas da Saúde e suas envolventes são reconhecidas como um espaço público de deslocação entre os maiores pontos turísticos e de confluência social no centro de Lisboa e foram alvo de estudo neste trabalho.

Algumas técnicas de observação e análise do espaço público foram aplicadas nas Escadinhas da Saúde, a partir de mapeamentos, contagens, diário de campo e registros fotográficos. Além destas aplicações, a intervenção temporária - inserção de bancos nos degraus - veio a somar resultados referentes acerca da vida pública.

A utilização destas técnicas e a elaboração de dados em campo integraram questões tangíveis e intangíveis sobre o espaço, possibilitando concluir que as Escadinhas da Saúde e suas espacialidades geram também espaços de permanência, contemplação, encontros e interação entre estranhos. As Escadinhas da Saúde compreendem também uma identidade enquanto "Fourth Place" - instrumento interativo, que desperta a troca e a interação social.

ABSTRACT

Key-words: **Public Space, Observation Techniques, Urban Diagnosis, Public Life, Social Interactions, Urban Spatiality**

The study of public space is linked to a great variety and complexity of definitions and categorizations. Historically, from the problems associated with the public space, multiple practices of observation and analysis of these spaces have resulted. In the domain of urban planning, the investigation of the aspect of public life had a reduced focus until the 20th century - until the mid-1960s. After the modern movement, the public space was conceptually consolidated and, with it, the debate on the aspect of public life.

This work had as its main means the multidisciplinary analysis of public life and urban spatiality, through the use of techniques linked to the observation and experience of space.

Lisbon is characterized by its steep slopes and millenary neighborhoods. The presence of structures that facilitate movement, such as stairs, elevators and elevators, are recurrent. The Escadinhas da Saúde and its surroundings are recognized as a public space for traveling between the biggest tourist spots and social confluence in the center of Lisbon and were the subject of study in this work.

Some techniques of observation and analysis of the public space were applied in Escadinhas da Saúde, based on mappings, counts, field diaries and photographic records. In addition to these applications, the temporary intervention - insertion of benches on the steps - came to add results concerning public life.

The use of these techniques and the preparation of data in the field integrated tangible and intangible questions about the space, making it possible to conclude that the Escadinhas da Saúde and its spatialities also generate spaces for permanence, contemplation, encounters and interaction between strangers. The Escadinhas da Saúde also comprises an identity as a "Fourth Place" - an interactive instrument that awakens exchange and social interaction.



1.

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

É em meio às actividades cotidianas que envolvem esperas - como as pausas entre trocas de linhas de metro ou os longos percursos de autocarro e a pé - que encontro espaço para a contemplação de pequenos objetos, estruturas e pessoas à minha volta. Desde muito pequena, imaginar a história por trás da vida e do trajeto de tais pessoas/objetos é um exercício criativo que me acompanha nas solitudes dos intervalos da vida.

Enquanto imigrante em um país distante e desconhecido, este exercício ganhou ainda mais força - sobretudo pelos longos caminhos de adaptação, esperas, curiosidades e solidão. É um percurso tortuoso, mas necessário. Posso dizer que desenvolvi, de forma espontânea e natural, diversas maneiras de observar, contemplar, analisar e viver muitos espaços que me acolheram na cidade de Lisboa. As ruas, os passeios, as praças e estações foram palco para devaneios e longas interpretações.

Para além do contexto muito pessoal e antigo sobre minha relação com as deambulações na cidade, é certo que o meu percurso académico em arquitectura e estudos urbanos estimulou e sensibilizou a minha relação com os espaços urbanos públicos. No mestrado, pude expandir ainda mais as diversas perspectivas sobre as narrativas urbanas, sobretudo sobre o viés social destes espaços.

A partir deste conjunto de interesses e vivências, o observar a cidade implicou questionar os seus usos e valores, o que me fez também concluir que existe um crescente debate sobre a cidade e o urbano e simultaneamente pouca atenção à reflexão sobre como tais espaços estão a ser experienciados, interpretados e analisados – não só pelo actores reguladores e produtores dos espaços, mas sobretudo pelos seus utilizadores.

1.1 Questões de partida

Os espaços públicos, como parte de um conjunto de elementos centrais e estruturadores das cidades, são espaços potenciais para abrigarem plateias de contemplação e palcos de interações diversas entre indivíduos desconhecidos que partilham de usos semelhantes e experienciam as espacialidades urbanas de formas diferentes - as trocas, contatos e aprendizados são intensificados.

Com tamanha potência e multiplicidade, os espaços públicos são observados, lidos e interpretados de maneiras muito particulares, de acordo com as construções/experiências íntimas de mundo de quem observa. No domínio das investigações urbanas e sob uma ótica da arquitetura, do urbanismo e da sociologia - no campo de quem planeja e investiga - a percepção e interpretação dos espaços públicos assumem abordagens diferentes, de acordo com as motivações das análises, com a área de atuação e estudo e com as ferramentas priorizadas. Duas abordagens-tipo podem ser esboçadas. A abordagem de cunho direto e participativo, que privilegia a percepção do usuário do espaço público e pressupõe a articulação de diferentes interações através de consultas populares, audiências públicas e/ou debates coletivos, tem a finalidade de construir um diagnóstico de determinado espaço público com base em um senso comunitário, que facilite e legitimize possíveis futuras propostas de intervenção. Já uma abordagem mediada por ferramentas e conceitos vinculada à observação e vivência do espaço público, implica, por suas características, que quando aplicada e sem comunicação objetiva entre usuários e investigadores/planejadores/reguladores, a sensibilidade na recolha de informações sobre e do espaço são intensificados. Quando se trata de aprimorar e tornar robusta a investigação e análise do espaço público, ambas as abordagens têm um lugar importante neste processo - se complementam.

Este trabalho pretende desenvolver questões relacionadas com observação e vivências - ou seja, na utilização de ferramentas indiretas na recolha de informações sobre o espaço público com as seguintes questões de partida a serem refletidas no decorrer de toda a pesquisa: como detectar as intangibilidades e sutilezas do funcionamento dos espaços públicos? Como o entendimento da abordagem indireta na percepção e análise do espaço público pode facilitar uma investigação que pretende ser multidisciplinar? Em paralelo, este trabalho desenvolve um conjunto de observações de um espaço público, as Escadinhas da Saúde, em Lisboa, procurando estabelecer a valia de ferramentas transdisciplinares de análise das sociabilidades e espacialidades urbanas.

À medida que avançava nestas reflexões e observações, algumas problemáticas me chamaram a atenção:

No meu processo, para compreender as particularidades das dinâmicas de funcionamento do espaço público, foi preciso compreender as particularidades das suas

definições e categorizações. Os espaços públicos não necessariamente estão incluídos na conceitualização mais disseminada do termo - como as definições que enquadram as praças, passeios, ruas e parques – mas podem se fazer presentes nas conceitualizações menos sistemáticas/delimitadas/discernidas na narrativa do planejamento urbano e igualmente estruturadoras no contexto das cidades. Neste sentido, na obra “Lugares do comum – Guia de avaliação e interpretação do espaço público” (2018), é afirmado:

“Para tal, a análise do espaço público não se pode restringir apenas a uma escala (a da proximidade), nem apenas a tipologias de espaços facilmente reconhecíveis (rua, praça, jardim, ...) ou a processos normativos. É necessário considerar uma visão do espaço público como rede de lugares, partilhando propriedades com outros sistemas urbanos – a paisagem (uma praia, ...), a infra-estrutura (um interface, ...), a comunicação (toponímias, ...) – alcançando escalas amplas, facultando serviços comuns, abrangentes, com objectivos múltiplos.” – Do livro “Lugares do comum – Guia de avaliação e interpretação do espaço público” (2018)

O outro aspecto-problema impulsionador no desenvolvimento deste trabalho partiu da inquietação sobre a perspectiva social nos discursos e investigações de Planejamento Urbano. Os espaços públicos são construídos e movidos essencialmente por pessoas e suas diversas interações – como bem refere Vikas Mehta (2013) - sendo assim necessário tornar robusta a literatura sobre a vida social neste contexto:

“...none of the books categorically addresses the street as a setting for social behaviour, covering in detail the typology of social behaviors, and none provides detailed tools to create sociable streets based on grounded empirical research” (Mehta, 2013. p.03)

Perante muitas abordagens associadas à percepção dos espaços públicos, advindas dos diferentes âmbitos do conhecimento e, diante das inquietações relacionadas às investigações urbanas, surgiam mais questionamentos: Que tipo de ferramentas estão a ser utilizadas em abordagens indiretas de análise dos espaços pú-

blicos e suas sociabilidades? Como associar as espacialidades urbanas às interações sociais que ocorrem nestes espaços? Como a abordagem sociológica, urbanística, arquitetônica e sociológica podem contribuir, em simultâneo, na construção dessa caracterização espacial e social dos espaços públicos urbanos?

Algumas destas questões serão respondidas, mas, para já, é importante que seja esclarecido que o objetivo do trabalho não visa solucionar problemáticas, fornecer reflexões necessariamente conclusivas ou demonstrar um juízo de valor sobre os espaços públicos. O trabalho ambiciona focar-se nos processos e nas diferentes maneiras de extrair informações através de determinadas ferramentas interdisciplinares. O material obtido resultará em um diagnóstico de pendor descritivo e aberto à interpretações diversas. Não obstante, neste trabalho a linha de reflexão é definida pelas ferramentas de análise à espacialidade e à sociabilidade urbana.

1.2 Metodologia

Dentre as etapas de interpretação e produção do espaço público - identificação, análise, reflexão e estratégia - o trabalho tem um foco na identificação e análise, ou seja, se concentra na preparação de recolha de material - como já mencionado, com um viés indireto e vinculado à observação e vivência do espaço.

No primeiro momento, ao levar em consideração as problemáticas destacadas, procurei compreender as definições base dos espaços públicos sob duas perspectivas: uma que reúne as abordagens de Loukaitou-Sideris e Ehrenfeucht (2009), Mitchell (2003) e Madanipour (2003) sobre as objeções em categorizar e consolidar rigorosamente o termo – pela complexidade e particularidade que os espaços públicos representam -, e outra que envolve o entendimento e pesquisa de Pedro Brandão (2008), Gehl e Svarre (2013), que retratam uma intenção mais objetiva e fundada em tipologias.

Após expor brevemente tais conceitualizações e assumir que o trabalho irá transitar entre as duas narrativas, citei duas referências de projetos que desenvolveram ferramentas e metodologias de investigação dos espaços públicos: o projecto de investigação PSSS (Public Space's Service System) (2018) e os trabalhos de Jan Gehl e Svarre (2013), com exemplos práticos e distintos de aplicação. O desenvolvimento de mapeamentos de usos, cheios e vazios e vias de deslocação; o sistema de contagens com um enquadramento também social (com referência também na Patrícia Simões (2016)); a construção do diário de campo; os registros fotográficos e em time-lapse (inspirados nos projetos de William H. Whyte (1980)) e a intervenção temporária baseada no experimento “The effect of more sitting” de Jan Gehl (2013), foram as ferramentas práticas aplicadas no objeto de estudo: as Escadinhas da Saúde. Este espaço foi o alvo deste estudo por, atualmente, estar inserido em uma di-

nâmica que nos diz muito sobre o cenário contemporâneo de Lisboa - é um espaço público sem denominação única e categórica óbvia que assim transita entre as representações de valor no centro da cidade.

Ao reunir e tecer interpretações sobre as Escadinhas da Saúde a partir das recolhas feitas com o uso de tais ferramentas, cheguei a conclusões e caminhos inesperados no decorrer do trabalho. As informações recolhidas me trouxeram evidências sobre as micro interações sociais urbanas naquele espaço, sendo possível enquadrá-lo, a partir daí, na tipologia de “fourth-place”, com um carácter de “in-between space” – conceitos tratados no último capítulo em diálogo com a pesquisa realizada por Patrícia Simões Aelbrecht (2016). Uma nova metodologia impulsionada por esta autora foi utilizada no processo de reconhecimento e análise às micro-interacções sociais urbanas nas Escadinhas da Saúde, que se enquadram nestas duas categorias conceptuais.

Neste ponto é revelador a confirmação da existência de características micro-sociais especificamente relacionadas à interação social entre estranhos, assim como é perceptível o impacto que o desenho urbano tem na intensificação ou constrangimento destas dinâmicas.



2.

RECONHEÇER O
ESPAÇO PÚBLICO

2. RECONHECER O ESPAÇO PÚBLICO

Uma breve discussão teórico-tipológica

A partir da compreensão do funcionamento das cidades enquanto organismos complexos e em constante transformação e adaptação, o interesse neste trabalho perpassa as características dos espaços urbanos facilitadores de conexão entre lugares e pessoas, de forma heterogênea, em tempo, espaço, idade, gênero, nacionalidade, e que assumem um lugar de expressão e de direitos dos cidadãos - os espaços públicos são os elementos estruturadores que, em sua própria essência, são favoráveis a este tipo de experiência nas cidades. É possível reconhecê-los através de suas caracterizações físicas e, sobretudo, sociais.

"All social experiences in the city are materialized and understood through space", afirma Lefebvre (1991). Na resposta à ânsia por cidades que envolvem características fundamentadas em interações sociais públicas diversas, o desenho urbano é uma ferramenta fundamental para estimular, retrain, dificultar ou facilitar tais processos. As temáticas dos espaços públicos e do desenho urbano foram concebidas neste tópico - tal sucedeu de forma não só paralela como inter-relacionada, já que supõe-se que não seja possível o debate sem o apoio mútuo entre suas elucidações.

Um dos problemas que se coloca hoje ao estudo do espaço público está vinculado à tamanha variedade e complexidade de definições associadas ao conceito de "espaço público", e sua espacialidade no âmbito do desenho urbano. Por esta ser uma pesquisa na base de uma dissertação de mestrado, os seus significados, representações e tipificações irão se apoiar em alguns autores que aproximam a descrição dos espaços públicos às sociabilidades urbanas, como as abordagens de Pedro Brandão (2008), Mathew Carmona (2010), Vikas Mehta (2013), Jan Gehl (2010), Jane Jacobs (1961) e Simões Aelbrecht (2016).

Foi levado também em conta uma narrativa e uma prática de intervenção e desenho que parte do movimento moderno e todo o fenômeno após este recorte temporal (a partir dos anos 70), quando o espaço público foi consolidado com uma definição própria, facilitando os recursos reflexivos sobre a temática.

Portanto, neste capítulo, provooco uma discussão teórico-metodológica e estabeleço duas abordagens - por uma lado uma ótica de Mitchell (2003) e Madanipour (2003), e por outro com visões de Brandão e Gehl. Exploro sistematicamente as abordagens e aplico-a ao estudo das Escadinhas.

2.1

PERCEPÇÕES E
DEFINIÇÕES

2.1 - Percepções e definições

A partir de reflexões sobre a percepção de lugar - termo tratado por Lineu Castello (2007) em debates sobre as interações entre as pessoas e os ambiente, com um forte componente psicológico -, diz-se, então, que

“Os espaços são percebidos como lugares por seus usuários. Por trás da identificação de um lugar encontra-se presente todo um processo de valoração do espaço, que pode ser atribuído à percepção que as pessoas têm (ou que virão adquirir)”. (Castello, 2007)

Portanto, também nos mais diversos âmbitos do conhecimento, é possível vislumbrar interpretações do espaço público sob óticas muito próprias e diversas.

Num trabalho que explora e teoriza várias problemáticas do espaço público, Madanipour (2003) associa a definição do espaço público - em uma das suas múltiplas dimensões - aos estados mentais dos indivíduos que vivem a cidade e aborda o seu real entendimento como sendo interdependente do conceito também de espaços privados. Ou seja, as duas esferas estão associadas a uma série de atribuições simbólicas muito particulares de cada sociedade, de cada indivíduo, de instituições, de cada experiência. Ao vincular a reflexão sobre os espaços ao seu contexto temporal moderno e pós moderno, o autor reforça ainda que novos conceitos surgem com o desenvolvimento de veículos motorizados individuais e seus impactos na construção de cidades:

“Modernism introduced a new concept of space. The motor car took over the urban space, changing the relationship between human beings and buildings between buildings and open spaces, between mass and void, abolishing enclosed public spaces such as streets and squares as known before. This gave way to vast open spaces and flexible location of high-rise buildings, subordinating the void to the mass, undermining the spaces of sociability. After the static, enclosed public spaces

of the past in both East and West, the modernist public spaces were to be free-floating, fast-moving and all-encompassing." (Madanipour, 2003:208)

É neste enquadramento que surge um desprendimento acerca da construção muito moldada e rígida na compreensão dos espaços públicos. Esta volubilidade de definições advém da nova configuração desencadeada ao longo do século XX atribuída aos espaços na cidade: não só a ocupação massiva de transportes individuais motorizados, como a consequente redefinição dos sistemas e vias de locomoção, os estados de subutilização do solo, os sistemas de monitorização, vigilância e controle urbano. Estes novos arranjos determinaram significativamente novas experiências na cidade e implicaram em delimitações cada vez mais turvas sobre as fronteiras entre o público e o privado.

Esta conjuntura remete às reflexões de Loukaitou-Sideris e Ehrenfeucht (2009), que exploram a complexidade da definição do "espaço público" para além do puro significado de "publicness" - "as the extent to which people have access without asking permission, expressed or implied. Although the person or organization that holds the title to a property may influence the activities that occur there, this is not the only or even most important factor that makes a space public" (pág. 7). Esta posição reforça o argumento de Mitchell (2003) que afirma:

"What makes a space public is often not its preordained 'publicness'. Rather, a space is made public when, so as to fulfil a pressing need, one group takes space and through its actions makes it public" (2003:35)

Esta percepção fortalece uma premissa que é contrária àquilo que, por vezes, se encontra na base das acções de ordenamento dos territórios – a ilusão de que os espaços podem ser controlados em sua totalidade através unicamente do seu desenho, dos projetos físicos e dos sectores (de entidades públicas ou privadas) reguladores do espaço.

É neste momento que é preciso assegurar o aspecto da vida pública no debate do planeamento urbano e o poder que as interações sociais podem exercer no reconhecimento de um espaço.

Mesmo admitindo tamanhas complexidades em delinear uma convenção sobre o significado dos espaços públicos no ramo arquitetónico e sociológico, ainda é válido que seja possível identificar e significar termos para facilitar o debate, suportar pesquisas e dar abertura para possíveis novos cenários reflexivos. Neste eixo, Gehl e Svarre (2013) se referem aos 'espaços públicos' de uma forma simplificada e direta-

são as ruas, as avenidas, as praças, os becos, os prédios - ou seja, tudo que pode ser considerado parte do ambiente construído urbano. Esta abordagem tem vindo a ganhar ampla divulgação. Em Portugal, Pedro Brandão (2008) apresenta alguns tipos de classificação de tipologias do espaço público, publicado pelo instrumento da Política de Cidades intitulado “A identidade dos lugares e a sua representação coletiva, bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público”. Este documento é elaborado pela Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, DGOTDU (2008). Em uma das classificações tipológicas, ele elabora uma série de sub-denominações referentes a diferentes tipos de espaço público. Por uma questão de simplificação necessária à operacionalidade, o autor opta pela elaboração de uma classificação sobre aqueles tipos de espaços que cumprem mais vulgarmente determinados requisitos: espaços que fomentam a circulação, lazer, contemplação, transporte, memória, etc.. A Tabela 1 apresenta, de modo sintético, a tipologia de Pedro Brandão. O esquema tem a capacidade de posicionar espaços muito diferenciados e integrantes da complexidade do urbano ou das grandes cidades em um mesmo instrumento operacional, assim como vos é atribuído funções bem precisas.

Tabela.1:

Tipologias o espaço público segundo DGOTDU (2008)

Espaços - Traçado	Encontro Circulação	Largos, praças, ruas, avenidas
Espaço - “Paisagem”	Lazer – Natureza Contemplação	Jardins, parques, miradouros, panoramas
Espaço - Deslocação	Transporte Canal Estacionamento	Estações, paragens, interfaces, vias férreas, autoestradas, parking, etc
Espaço - Memória	Saudade Arqueologia Memórias	Cemitérios, espaços monumentais, Industrial, agrícola, etc
Espaços Comerciais	Semi-inteiros Semiexteriores	Mercados, centros comerciais, quiosques, toldos, etc
Espaços gerados	Por edifícios Por equipamentos Por sistemas	Galerias, pátios, religiosos, infantis, mobiliário, etc

Tais classificações, entretanto mais pragmáticas do espaço público, acolhem, de forma bem específica, alguns exemplos de espaços, enquadrando-os nas categorias – como é o caso dos ‘espaços traçados’, que envolvem largos, praças, ruas e avenidas. Alguns exemplos de espaços específicos podem, entretanto, ser posicionados ou transitarem sobre várias categorias, de forma simultânea, como é o caso de muitos passeios e escadas que compõem, por exemplo, os percursos em bairros antigos de Lisboa, exemplificados na Figura 1.

Fig.1:

Escadinhas de São Cristóvão e Escadinhas do Duque. Fonte: <https://lisboasecreta.co/8-escadinhas-e-escadas-de-lisboa-que-tens-de-subir-ou-descer/>



Muitos destes espaços possuem memória, vistas panorâmicas, motivam encontros, participam na deslocação e abrigam as mais diversas interações e dinâmicas de ocupação do espaço - sendo assim, levando em conta os critérios de Brandão apresentados na Tabela 1, eles são enquadrados em “espaços - memória”, “espaços - traçado”, “espaços - paisagem” e “espaços - deslocação”. As Escadinhas da Saúde - objeto de estudo deste trabalho - constituem a este título um bom exemplo, como retratado nas imagens a seguir (Figura 2 a 5).

Fig.2:

Escadinhas da Saúde: exemplo de “espaço traçado” - circulação. Fonte: Elaboração pela autora





Fig.3:
Escadinhas da Saúde:
exemplo de "espaço paisagem". Fonte: Elaboração
pela autora e [https://
www.timeout.pt/lisboa/pt/
noticias/as-escadas-rolan-
tes-do-martim-moniz-ja-fun-
cionam-101218](https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/as-escadas-rolantes-do-martim-moniz-ja-funcionam-101218)



Fig.4:
Escadinhas da Saúde +
Elevador de Santa Justa:
exemplos de "espaços des-
locação" - transporte. Fonte:
Elaboração pela autora e
[http://oviajantecomilao.
blogspot.com/2016/09/funic-
ulares-ascensores-e-elevador-
es-de.html](http://oviajantecomilao.blogspot.com/2016/09/funiculares-ascensores-e-elevadores-de.html)



Fig.5:
Escadinhas da Saúde: exemplos de "espaços gerados" -
mobiliário. Fonte: Elaboração pela autora

Como se tem vindo a evidenciar, registam-se pelo menos duas diferentes perspectivas que definem o espaço público por intermédio de estruturas conceptuais e linhas de reflexão opostas. Uma menos restritiva e flexível à possível não existência de consolidação do termo, na qual a abordagem de Mitchell é exemplar: um espaço pode ganhar proporções públicas a partir de leituras das ações dos utilizadores do espaço e suas necessidades. Esta narrativa supera uma associação única entre uma organização/pessoa que detém ou não título de uma propriedade; espaço público é portanto um conceito contestado. Enquanto uma outra linha se apresenta mais objetivista e fundada em tipologias e classificações - neste trabalho abordadas através de Brandão, Gehl e Svarre, que privilegiam a objetividade na definição do termo em detrimento de uma demanda mais aprofundada nos aspectos da vida pública, ressaltando a falta de esforços voltados para o viés social, do indivíduo e suas relações com o espaço.

Assim, para reconhecer o espaço público e o objeto / objetivo desta dissertação - observar e desenvolver ferramentas para analisar as sociabilidades e espacialidades urbanas nas Escadinhas da Saúde - é razoável que o discurso possa ser moldado em um espaço entre as duas argumentações. Um espaço onde as definições podem fluir entre teorias, transitar entre as abstrações e requisitar as tabelas categóricas quando necessário. O objecto de trabalho pesquisa – as Escadinhas da Saúde – será interpretado nestas transições discursivas sobre o espaço público. Dito de outro modo, como bem sublinham os autores do Manual de Investigação PSSS a este propósito, a interpretação dos espaços públicos

“é, em si mesma, uma prática colaborativa – o reconhecimento dos valores públicos do espaço numa compreensão interdisciplinar”.
Manual de investigação PSSS (2018)

E, ainda, como bem refere Jane Jacobs (2000):

“Os processos urbanos, na prática, são complexos demais para serem rotineiros; particularizados demais para serem aplicados como abstrações. Eles sempre se compõem de interações entre combinações singulares de peculiaridades, e nada substitui a compreensão das peculiaridades.” (Jacobs, 2000. p. 491)

Com esta compreensão teórico-discursiva do objeto de estudo, o tópico a seguir irá tratar da prática do reconhecimento dos espaços públicos, que só foi e é possível com o desenvolvimento de técnicas e ferramentas especializadas. Para uma melhor compreensão de tais técnicas utilizadas neste trabalho, serão expostas duas linhas de aplicação: uma tem como base o projecto de investigação PSSS (Public Space's Service System) e outra é apresentada por Jan Gehl e Svarre (2013).

2.2

Diferentes práticas e técnicas
para a observação, interpretação e
construção de análises do espaço público

2.2 - Diferentes práticas e técnicas para a observação, interpretação e construção de análises do espaço público

As problemáticas associadas ao espaço público têm suscitado o uso de múltiplas práticas e ferramentas de investigação. Desde procedimentos de cunho direto e participativo – em comunhão com diversas entidades e moradores locais, bem expressas nos trabalhos de Wates (2000), na obra “The Community Planning Handbook” e de Sanoff (2000), com “Community Participation Methods in Design and Planning” - até os prolongamentos mais indiretos vinculados à observação e vivência do espaço, como exemplo dos trabalhos expressos pelos autores Svarre e Gehl (2013) com “How to Study Public Life” e Mehta (2013), em “The street, a quintessential Social Public Space”.

A seguir serão explorados casos consolidados de projectos que trabalharam coletivamente e de forma transdisciplinar a respeito das investigações nos espaços urbanos públicos. As duas abordagens escolhidas - o projecto de investigação PSSS (Public Space's Service System) realizado por um equipa liderada por Pedro Brandão e os trabalhos de Jan Gehl e Svarre (2013), oferecem princípios de análise e exemplos práticos bem particulares e distintos de aplicações de ferramentas de abordagem indireta e suas repercussões. A abordagem do PSSS baseia-se em esquemas de análise com critérios e matrizes qualitativas, já a abordagem de Gehl assenta numa posição menos “avaliativa” e mais descritiva e contemplativa dos espaços públicos.

A intenção é, com isto, ultrapassar

“apenas elementos mensuráveis do espaço público, mas integrar questões tangíveis e intangíveis, aceitando as dependências contextuais e as relativas aos seus intervenientes. É partindo dos problemas e das dinâmicas e práticas dos actores do espaço que se pode tecer a sua interpretação: porque o que é público, e comum, depende.” (Brandão, 2018)

2.2.1 – O projecto de investigação PSSS (Public Space's Service System) – Guia de avaliação e interpretação do espaço público

O projecto de investigação “Valor de serviço do espaço público como sistema urbano – PSSS (Public Space's Service System)” é um exemplo paradigmático do constante exercício de reflexão sobre as práticas e noções dominantes na avaliação do espaço público. Um dos pontos de partida surge das críticas referentes a maneira que a teoria do Desenho Urbano reconhece o espaço público na urbanidade contemporânea, críticas essas que concluem que as práticas de investigação dos espaços públicos estão focadas e reduzidas na primazia da sua excepcionalidade, dentro de supostas normas a serem seguidas. O projecto de investigação PSSS evidencia a necessidade em olhar para as necessidades que o espaço cobre, os seus usos e significados, enquanto espaços complexos que demandam necessidades igualmente complexas e distintas.

Para além das reflexões e noções teóricas, o projecto é enquadrável também enquanto um guia pelo qual propõe novos conceitos e ferramentas para identificar problemas sistêmicos na leitura avaliativa dos espaços públicos a fim de desenvolver o seu potencial de serviço. Tais ferramentas encontram-se bem exemplificadas nos diferentes casos de estudo desenvolvidos ao longo da investigação.

O Manual que resulta do projeto é decorrente de um trabalho em equipa interdisciplinar das Universidades de Lisboa, Porto e Barcelona. Ao longo do texto e à medida que mencionam os estudos de caso, os autores dão a conhecer a construção do quadro conceptual do método PSSS. As questões que sustentam este quadro são centrais para a interpretação, reconhecimento e análise do espaço público: no que designam por Sistema questionam como se relaciona um espaço público com outros espaços? A partir da ideia de Serviço interrogam-se para que serve um espaço público e o que oferece aos utilizadores? E a partir do conceito de Actores pesquisam quem são os actores num espaço público concreto e quais as suas necessidades? Finalmente, a noção de Valor permite perscrutar que tipos de valor podemos encontrar num espaço público?

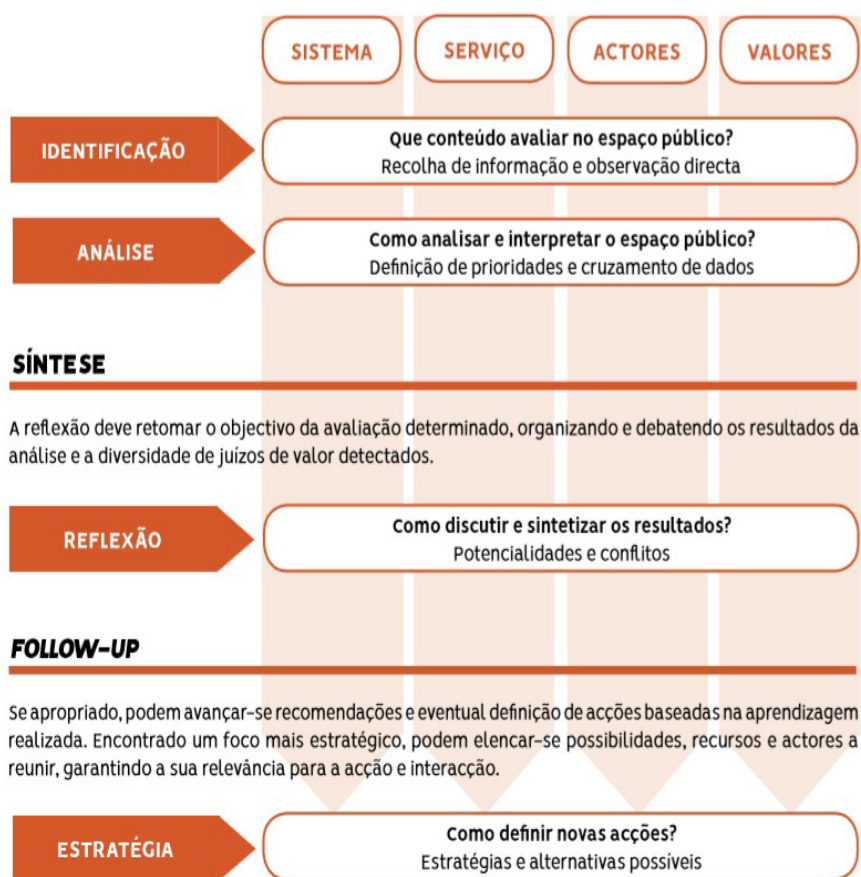
O roteiro organiza e estrutura em diferentes fases o processo de avaliação e interpretação de um espaço público, associa-o com metodologias que permitem adaptações caso a caso e com uma flexibilidade na escolha do caminho mais adequado – sempre podendo retornar ao ponto de partida.

O Esquema 1 apresenta o quadro conceptual com os parâmetros centrais do PSSS - isto é, Sistema, Serviço, Actores e Valor - cruzando-os com um esquema operacional baseado em quatro momentos: identificação, análise, reflexão e estratégia.

Na pesquisa sobre as Escadinhas da Saúde, o enfoque da investigação situou-se entre as fases de identificação e análise. É nestas duas fases, que Pedro Brandão e a sua equipa abordam o que esta dissertação procura destrinchar: quais aspectos do espaço público estão a ser considerados? O que é preciso dispor e/ou elaborar para fomentar uma reflexão? De que forma recolher informações e observações? O Esquema 1 apresenta de forma sintética essas diferentes fases elaboradas. Por limitações de tempo e recursos, e também por se tratar de uma dissertação de mestrado, as fases de síntese e de follow-up não foram desenvolvidas neste trabalho.

Esquema 1:

Quadro conceptual do método PSSS. Fonte: da obra "Lugares do Comum - Guia de Avaliação e Interpretação do Espaço Público", 2018



A partir do esquema 1. os autores reforçam a ideia do que consideram necessário conhecer: 1) o que irá ser avaliado, 2) qual o objectivo da avaliação, 3) o que já se sabe sobre o espaço público, 4) quem conduz, elabora e integra o processo avaliativo, 5) de que forma participam os actores e 6) quais o meios, recursos e condições para a concretização da avaliação.

2.2.1.1 - Sistema, Serviço, Actores e Valor

Como já mencionado anteriormente, tais questões (o sistema, o serviço, actores e valor) guiam a construção do quadro conceptual do método PSSS. Estes elementos estão presentes e moldam toda a estrutura de pesquisa nas diferentes fases do processo de avaliação e interpretação do espaço público. Em seguida, apresento cada elemento de forma resumida resultando daí uma definição operacional ampla e próxima da completude de um espaço. Complementarmente, sempre que possível, essa definição será aplicada ao espaço das Escadinhas da Saúde.

No desenvolvimento dos métodos, a equipa PSSS segue primeiramente com a identificação do sistema, como já foi também referido. É afirmado que as bases que as definem são as relações entre os espaços e os contextos. Espaços estabelecem relações entre outros espaços e acolhem uma variedade de funções sobrepostas – relacionam-se com outros sistemas urbanos como a infra-estrutura, a paisagem, o edificado, etc. O Esquema 2 apresenta as diferentes componentes da leitura do espaço público enquanto sistema. Como se verá adiante, as Escadinhas da Saúde e a sua envolvente serão analisadas a partir destas dimensões.

Esquema 2:

Critérios de identificação do sistema de espaço público; Fonte: da obra "Lugares do Comum - Guia de Avaliação e Interpretação do Espaço Público", 2018.



No seguimento da análise, a etapa que se segue à leitura dos elementos do sistema é a da identificação dos “serviços”. Por serviços, a equipe do PSSS entende os benefícios que determinado público recebe – sintetizados no Esquema 3. Tais benefícios são resultantes das formas físicas, dos usos ou dos significados. É de sublinhar que este entendimento tem uma fundamentação interdisciplinar na qual as dimensões culturais, sociais, econômicas e políticas dos espaços públicos são exploradas. Segundo o guia, “a identificação é feita a partir da descrição e mapeamento dos serviços que existem no espaço público, reunindo informação sobre a sua utilização quotidiana, numa observação directa dos usos dos espaços e das suas dinâmicas.” (PSSS, p.38).

No estudo das Escadinhas da Saúde, a ferramenta de “observação directa” foi privilegiada.

Esquema 3:

Matriz dos serviços do espaço público; Fonte: da obra “Lugares do Comum - Guia de Avaliação e Interpretação do Espaço Público”, 2018.



Em seguida, a equipa de Pedro Brandão propõe a identificação dos diferentes tipos de Actores que “estão” no espaço público em ordem a garantir que uma multiplicidade de perspectivas ganhe presença na análise - levando em consideração que, em geral, os diferentes actores fazem juízos de valor distintos para um mesmo espaço público.

No Esquema 4 encontra-se a categorização dos actores por “função”: os utilizadores, os produtores e os reguladores do espaço, ou seja, os que fazem a utilização directa do espaço, vivem, trabalham, visitam, prestam serviços, participam na sua construção, controlam e fiscalizam. Mas os actores são categorizados pelo seu sector - público, privado e coletivo -, ficando assim denotadas as diversas entidades públicas que têm competências, actores privados com actuação no espaço público ou beneficiário indirecto do seu serviço e associações que representam interesses colectivos.

Uma das consequências desta categorização é a de dirigir a análise para questões concretas: que tipo de actores estão presentes? Quais os seus interesses e motivações? Qual o seu ponto de vista sobre o espaço público? No objeto de investigação deste trabalho, as Escadinhas da Saúde, o foco da recolha de informações é direccionado para os actores-utilizadores do espaço, ou seja, para o grupo de indivíduos que vivem, visitam e que mais se beneficiam, directa ou indirectamente, do espaço.

Esquema 4:

Matriz dos serviços do espaço público; Fonte: da obra “Lugares do Comum - Guia de Avaliação e Interpretação do Espaço Público”, 2018.

POR FUNÇÃO**UTILIZADORES**

Aqueles que utilizam o espaço público. Vivem, trabalham, divertem-se, visitam ou prestam serviços nele ou suas imediações. Em geral são os que melhor conhecem e mais beneficiam, directa ou indirectamente, dos benefícios decorrentes.

PRODUTORES

Aqueles que desempenham um papel na produção (física) do espaço público. Incluem os que participam na sua construção e aqueles que têm capacidade de influenciar a opinião pública e o processo de decisão.

REGULADORES

Aqueles que desempenham um papel no controlo e regulação do espaço público, intervindo no planeamento, licenciamento, fiscalização e/ou gestão destes espaços.

POR SECTOR**PÚBLICO**

Incluem diversas entidades públicas que têm competências ou que actuam no espaço público.

PRIVADO

Actores privados com actuação no espaço público ou beneficiários indirectos do seu serviço.

COLECTIVO

Associações ou entidades que representam grupos de actores ou interesses colectivos.

E por último, a abordagem elaborada no projecto PSSS estabelece a identificação dos “Valores” como a quarta etapa da leitura dos espaços públicos. Como o Esquema 5 mostra, o entendimento dos Valores do espaço é amplo. As diferentes dimensões dão conta de um conjunto de propriedades e de processos que incidem na transformação das cidades e dos espaços públicos. Importa referir que estas dimensões dão conta de um conjunto de propriedades e de processos que incidem na transformação das cidades e dos espaços públicos. Importa referir que estas dimensões se encontram vinculadas a problemáticas centrais tanto nos estudos urbanos e suas áreas científicas, como no desenho urbano. Não obstante, para os autores do Guia, o valor do espaço público não se resume a questões quantitativas, mas se relaciona com uma pluralidade de valores e perspectivas. O Esquema 5, que se apresenta em seguida, expõe tais perspectivas.

Esquema 5:

Tipos de valor e exemplos da sua representação no espaço público. Fonte: da obra "Lugares do Comum - Guia de Avaliação e Interpretação do Espaço Público", 2018.

VALOR ECONÓMICO	A intervenção no espaço público pode envolver investimentos relevantes e gerar retorno económico, mais-valias e competitividade dos agentes. Não sendo o espaço público em si objecto de troca, o retorno (ou vantagem) do investimento pode traduzir-se na atracção de utilizadores ou de investimento na envolvente, ou gerar eventuais conflitos ou carências de serviço (privatização, gentrificação, etc.).
VALOR DE USO	Capacidade que o espaço público tem para satisfazer as necessidades dos seus utilizadores e a sua adequação para o funcionamento da cidade. Manifesta-se na capacidade de acomodar usos e funções (formais e informais) e de servir e acolher utilizadores com necessidade diferentes. A adequabilidade (utilidade) do espaço público ao uso dos seus fruidores pode corresponder a um valor de uso maior, enquanto o conflito o diminuirá.
VALOR SOCIAL	Refere-se aos benefícios ou contribuições do espaço público para o bem-estar, satisfação de necessidades colectivas ou desenvolvimento das comunidades. Embora a socialização não dependa exclusivamente do ambiente construído, o espaço público é o pano de fundo onde ela acontece. Aqui podem estabelecer-se oportunidades para a interacção social positiva, activa ou passiva, criando ou reforçando a identidade local e a apropriação dos espaços.
VALOR AMBIENTAL	Refere-se à contribuição que o espaço público tem no meio ambiente, em especial a relativa aos sistemas naturais e na redução dos impactos. O espaço público é suporte da interacção com a natureza em várias funções, desde a relevância estética das cidades à redução da poluição. A sua configuração pode incentivar a adopção de comportamentos ambientalmente sustentáveis, promovendo benefícios na saúde pública e para a sustentabilidade urbana.
VALOR CULTURAL	Expressa, relacional e fisicamente, a contribuição do espaço público na expressão e construção da identidade e na promoção de uma cultura partilhada por uma comunidade. O carácter aberto e interactivo do espaço público é privilegiado para a expressão da cultura do lugar e da comunidade: usos, práticas, ideias e representações, com um carácter distintivo – a identidade – reflectindo interpretações do passado – herança, património – ou do futuro – aspirações, projectos.
VALOR DE IMAGEM	Exprime como o espaço público contribui para a transmissão de uma mensagem associada ao prestígio, reconhecível, distintiva, memorizável e compreensível. O espaço público é lugar de comunicação e expressão, onde diversos significados podem ser representação (imagem) de um valor (ideais estéticos e outros) contribuindo para estimular a identidade e o sentimento de orgulho; ou transformados em processos de comoditização (<i>branding</i>).

Assim, os espaços públicos e os olhares valorativos sobre eles, podem ser induzidos por diferentes representações – através da sua imagética, através de noções e índices de qualidade de vida; ou simplesmente através de estratégias de visibilidade comercial e imobiliária. Um dos pontos de maior interesse que a pesquisa PSSS aporta neste trabalho é a ideia de que a valorização do espaço público poderá passar pela intervenção física e pela transformação dos modos de o olhar.

Em síntese, dentre tantos recortes, etapas, orientações e matrizes apresentadas pelo PSSS (e que neste trabalho não foram todas referidas), as quatro dimensões explicitadas – Sistema, Serviço, Actores e Valores – contribuem para uma observação teorizada e problematizada dos espaços públicos. Neste trabalho, estas quatro dimensões foram utilizadas como “pilotos”.

De forma resumida, seguindo a proposta de pesquisa elaborada pelo Projecto PSSS e vertida na obra obra “Lugares do Comum - Guia de Avaliação e Interpretação do Espaço Público” construiu-se uma sistematização da abordagem inicial ao reconhecimento das Escadinhas da Saúde enquanto espaço público.

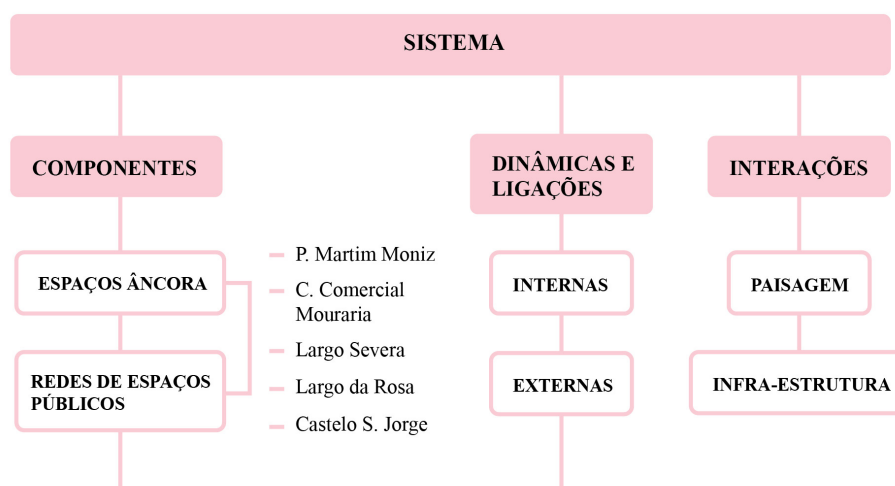
2.2.1.2 – Aplicação: Sistema, Serviço, Actores e Valor

Através da matriz PSSS, Sistema, Serviço, Actores e Valor foi possível sintetizar de forma esquemática um conjunto de informação, sobre a relação das Escadinhas da Saúde com a envolvente, a serventia do espaço, os actores utilizadores e os diferentes valores atribuídos ao espaço público referido. Importa notar aqui que a aplicação da matriz PSSS foi limitada a apenas algumas componentes de cada dimensão levando em conta o tempo e os recursos de pesquisa numa dissertação de mestrado.

O desenvolvimento da avaliação do Sistema (Esquema 6), me permitiu compreender o contexto urbano das Escadinhas, a partir de componentes como os “espaços-âncora” em uma rede de espaços públicos que estão diretamente conectados através de dinâmicas e ligações externas e internas. As escadinhas, por si, são um espaço de interface - ligam sistemas físicos. A Praça Martim Moniz, o Centro Comercial da Mouraria e o Castelo São Jorge são alguns dos mais fortes exemplos de pontos focais estratégicos de maior intensidade de actividades. Estabelecem ligações e proporcionam diversidade de usos. A interação entre os sistemas se dá por intermédio da paisagem e infra-estrutura das Escadinhas, ou seja, é por meio da viabilização da mobilidade e da sua estrutura monumental contínua (uma extensão dos passeios) que os sistemas se comunicam.

Esquema 6:

Matriz de sistema aplicada às Escadinhas da Saúde e suas envolventes. Fonte: Elaboração pela autora.



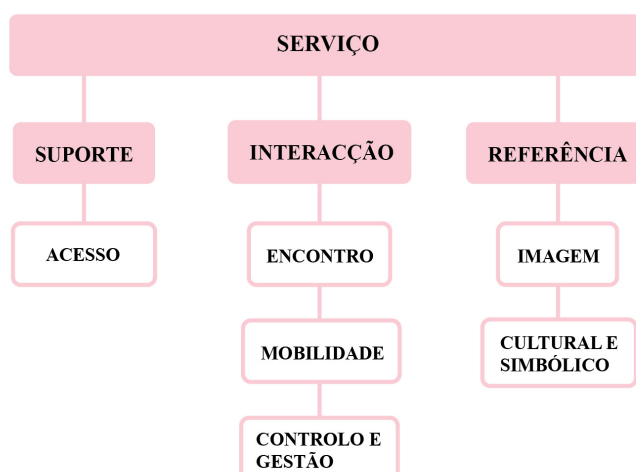
Já no desenvolvimento das análises dos seus serviços (Esquema 7), foi possível classificar a diversidade de funções que o espaço oferece. O seu suporte na vida urbana está vinculado essencialmente aos acessos - assegura o acesso a outros ambientes. Nas escadinhas, ao longo de diversas observações que realizei, os tipos de interações entre seus utilizadores podem ser resumidos a “encontros”, a “mobilidade” e “controle e gestão”. O espaço possui visibilidade e possibilidades de contacto entre um considerável número de utilizadores, como se verá mais à frente, dada a sua localização, o tipo de suporte com um fluxo grande de pessoas diversas e o facto de terem em comum o interesse de deslocação.

Assim, através da leitura da dimensão Serviços, firma-se desde já uma conclusão: a as Escadinhas estruturam encontros e trocas e tornam possível a recreação na mobilidade.

É também pela sua referência enquanto “imagem” e “simbologia” que é construído um sentido de orientação - as Escadinhas da Saúde são estruturas marcantes, servindo de referencial e ponto de encontro, não só pela monumentalidade e funcionalidade do equipamento, como pela toponímia de seu contexto histórico.

Esquema 7:

Matriz de serviço aplicada às Escadinhas da Saúde e suas envolventes. Fonte: Elaboração pela autora.

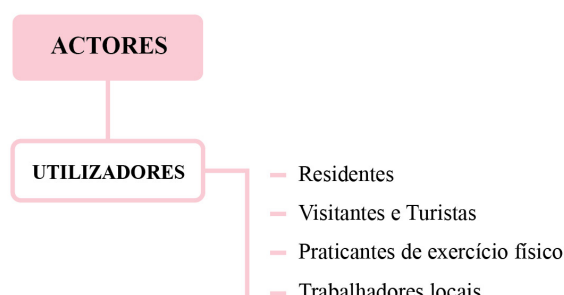


Dentre os diferentes tipos de actores, apenas os utilizadores do espaço tiveram destaque nesta pesquisa - como mencionado anteriormente, devido às restrições de tempo e dimensão da dissertação -, que são aqueles que vivem e visitam o espaço. Foram considerados os utilizadores não só da estrutura das Escadinhas, como os utilizadores das suas envolventes imediatas - como o espaço que circunda a Rua da Mouraria.

Assim, no quadro da matriz PSSS, e a um nível muito geral de leitura e reconhecimento do espaço público, pode-se concluir que os utilizadores variam entre residentes, trabalhadores locais (como os vendedores ambulantes), praticantes de exercício físico e, sobretudo, visitantes e turistas. Os turistas são, ainda, o público mais ativo daquela zona, e isto se deve aos variados equipamentos de hotelaria e airbnb das envolventes, como também aos sistemas conectados - designadamente o sistema de transportes daquela zona e os espaço-âncora da Praça Martim Moniz, do Centro Comercial da Mouraria e do Castelo de São Jorge.

Esquema 8:

Matriz de actores aplicada às Escadinhas da Saúde e suas envolventes. Fonte: Elaboração pela autora.



É notório as diferentes classes de reconhecimento e atribuição de importância por parte da comunidade às Escadinhas.

A partir de seu carácter aberto e interactivo, de certo modo, seus valores culturais permitem a expressão de ideais e práticas de indivíduos, grupos e comunidades - alguns destes manifestados, por exemplo, em autocolantes e graffiti. Mas tais valores permitem também materializar um “valor de imagem”, bem expresso, na intervenção que o município de Lisboa levou a cabo com a colocação de escadas rolantes e no investimento na renovação e nos acessos aos pontos de interesse turístico envolventes como a Colina do Castelo. Por fim, não pode deixar de se referir que as Escadinhas partilham enquanto valor cultural o investimento na imagem de multiculturalidade e integração por parte dos organismos públicos na Mouraria - isto é, na sua envolvente próxima.

Esquema 9:

Matriz de valores aplicada às Escadinhas da Saúde e suas envolventes. Fonte: Elaboração pela autora.



Conclui-se que as Escadinhas da Saúde têm uma capacidade de acomodar usos e funções formais e informais, como o simples propósito de transitar de um lado para outro, tornado possível pela sua participação no sistema, assim como utilizar os degraus e equipamentos da estrutura para sentar, se exercitar ou brincar, servindo assim a uma variedade considerável de eventuais encontros e trocas sociáveis. Esta é uma ponte direta também para a concepção do seu valor social - um espaço público para as interações sociais, o bem-estar e as trocas.

Seguiremos no próximo tópico com as reflexões de Jan Gehl e Svarre em conjunto com técnicas de observação que têm vindo a ser utilizadas pela sua e por outras equipas e autores em variadas disciplinas e áreas de conhecimento que analisam e intervêm nos espaços públicos. Como atrás se referiu, a posição de Jan Gehl sobre os espaços públicos é menos discriminatória, no sentido em que recorre menos a categorias e classificações, e mais descritiva e contemplativa. Como o próprio Gehl propõe "o observador do espaço público deve ser o mais neutro possível, como aquele que olha sentado no banco da praça, um ente invisível que tem de manter uma perspectiva global." (Gehl, 2013)

2.2.2 – Um olhar sobre as técnicas de observação de Jan Gehl e Svarre

"Several urban designers, architects, city planners, urban sociologists and environmental psychologists have in the past studied and documented human behaviour in public space. They have developed techniques and protocols, shared them, built upon and improved them" (Mehta 2013)

Na visão de Jan Gehl (2013), observar os espaços públicos é uma arte que está ao alcance de qualquer um de nós. É possível treinar o olhar ou adquirir um olho para captar nuances do que, para este autor, constitui a essência da vida urbana. Para Gehl, "life in public space consists of numerous small, unremarkable situations" (Gehl e Svarre, 2013). Como então descrever e analisar estes pequenos acontecimentos diários? Parte da resposta a esta questão, como se verá mais à frente, passa pelo registo sistemático e pela identificação de comportamentos e de usos que fabricam o espaço público. Algumas das diferentes técnicas que Jan Gehl e Svarre (2013) expõe tomaram um lugar importante neste trabalho enquanto ferramentas de análise do espaço público. Outros autores, como Vikas Mehta (2013) e William H. Whyte (1980) utilizam metodologias essencialmente próximas, apesar de terem suas peculiaridades e aplicabilidades distintas, como se verá mais à frente.

Na esteira de um longo trajeto de análise sobre os espaços públicos, Gehl e Svarre pretendem construir condições dar palco para análises da vida pública, como um segmento inerente, porém distinto, dos espaços públicos. Exploram técnicas de contagem, mapeamentos, tracking, looking for traces, e video-fotografias. Por seu turno, Vikas Metha (2013) pretende analisar a rua como espaço social e público. Entendida por si como quintessência social urbana, a rua e os comportamentos e interações que nela ocorrem são apreendidos através de grelhas e representados em behaviorial maps. Este instrumento é um meio de abordar a usabilidade e a capacidade espacial de determinado espaço. Ele tenta unir os aspectos objetivos e subjetivos do espaço através de mapeamentos. Todo e qualquer elemento ou comportamento que influencia na maneira como interpretamos o espaço, é um fator a ser considerado e apontado (desde elementos urbanos físicos, a ações espontâneas significativas advindas da rotina local). Tal mapa é, portanto, completamente abstrato e carrega um quadro de valores a depender de quem interpreta o espaço. Tais registos são feitos a mão livre, com traçados intuitivos a partir de um ponto de visibilidade.

Deste modo, Mehta correlaciona as permanências e sociabilidades com elementos como os usos do solo, a gestão dos espaços e os diferentes sentidos que os urbanitas atribuem aos lugares. Em comum, as metodologias e as técnicas de observação destes autores partem da mesma motivação e com um mesmo intuito: evidenciar uma perspectiva mais social nos processos investigativos e descrever comportamentos humanos na base da observação sistemática – como as pessoas ocupam (ou não) os espaços? Quais os trajetos predominantes? Como interagem? Como já mencionado previamente, este tipo de estudo foi fortalecido na década de 1960 e desde então as técnicas vêm sendo aperfeiçoadas e adaptadas a cada contexto tratado – a exemplo de William H. Whyte (1980) nas plazas reinventadas na downtown nova iorquina e Vikas Mehta em importantes ruas de Boston.

Na obra "How to study public life" de Gehl e Svarre (2013), de forma sintetizada, são sublinhadas técnicas que partem também de questões base como "how

many, who, where, what, how long"? E a partir destas bases, cada técnica possui um potencial mais adequado para responder cada quesito. Outros fatores determinantes para a escolha da técnica são o propósito da investigação, as despesas previstas, e as condições de tempo e local:

"Will the results be used as the basis for making a political decision, or are some quick before-and-after statistics needed to measure the effect of a project? Are you gathering specific background information as part of a design process, or is your study part of a more general research project to gather basic information over time and across geographic lines?" (Gehl e Svarre, (2013: pp.12))

Mesmo tendo em conta a diversidade de iniciativas e contextos nos quais a observação do espaço público é parte integrante, o interesse na abordagem de Gehl reside no seu contributo com ferramentas transdisciplinares de análise, tanto das sociabilidades como das espacialidades urbanas – sobretudo no caso em análise: as Escadinhas da Saúde e suas envolventes.

2.2.2.1 – Contar, mapear, traçar, buscar rastros, fotografar, manter um diário e caminhar

Contar, mapear, traçar, buscar rastros, fotografar, manter um diário e caminhar são algumas das técnicas apresentadas em "How to study public life" (Gehl e Svarre, 2013) e, sendo algumas delas, aplicadas neste trabalho na observação das Escadinhas da Saúde enquanto espaço público.

Começando pela contagem, esta técnica é tida como um procedimento básico nos estudos da vida pública – e é a primeira a ser apresentada por Gehl e Svarre. Em princípio, tudo pode ser contado: número de pessoas, divisão de gênero, quantas sorriem, quantas andam sozinhas ou em grupo, quantas se sentam, etc. Geralmente as contagens estão associadas às questões de permanência – por exemplo, Vikas Mehta (2014) utiliza-as para identificar os pontos de sociabilidade em três grandes ruas de Boston - assim como estão igualmente associadas a saber-se quão fluido é um espaço. Estas modalidades de contagem permitem confrontar a permanência e a circulação nos espaços públicos, além de possibilitar a construção de um resultado objetivo e quantitativo, podendo ser utilizado para qualificar projetos/espacos e para solidificar, com números, argumentações nas tomadas de decisão. As contagens podem ser feitas por um contador (portátil) ou simplesmente por marcações feitas em papel.

Este foi um dos métodos utilizados para compreender a intensidade do fluxo de pessoas que utilizavam as Escadinhas da Saúde, tendo igualmente servido para contabilizar “quem” e “como é utilizado” o espaço.

Os mapeamentos de comportamentos consistem, numa formulação simples, na identificação sobre mapas daquilo que acontece em determinado recorte territorial de investigação. Esta técnica é tipicamente utilizada para indicar onde as pessoas se concentram, param, sentam, trocam palavras, etc. Em regra, os mapas de comportamentos são vinculados aos tempos de observação - não apenas à duração, como, sobretudo, aos diferentes horários de aplicação, sendo assim caracterizado individualmente cada turno do dia ou dia da semana.

Assim como o método das contagens, esta foi uma ferramenta essencial para a recolha de informações das Escadinhas da Saúde. Em campo, pude utilizar um mapa impresso do espaço, enquanto apontava acontecimentos diversos e que me chamavam a atenção em algum aspecto. Foi um material essencial para o entendimento do espaço e terá um melhor enquadramento nos capítulos a seguir.

Enquanto tipo de “rastreamento”, o “tracking” é uma técnica que pode adicionar à prática da observação que registra as deslocações e os caminhos que as pessoas fazem. Neste caso, quem observa pode “seguir” determinadas pessoas para construir tais registros – algo também conhecido por “shadowing”. Este método é útil para medir velocidades de rotas, além de proporcionar uma compreensão mais apurada de comportamentos durante trajetos.

Já a busca por rastros é uma observação indireta. A sua prática requer a quem observa uma sensibilidade mais apurada – como se estivesse a assumir o papel de detetive na busca por pistas. Exemplos clássicos são indicações obtidas através de marcas de pés na neve, indícios de relva mais desgastada por ser atravessada repetidamente ou por certas formas de ocupação, vestígios de brinquedos utilizados, caixotes de lixo vazios ou cheios, movimentos de cadeiras ou mobiliários urbanos, etc.

Este também foi um método pontualmente utilizado ao observar o seguimento da intervenção efêmera aplicada nas Escadinhas da Saúde para este trabalho - e que também será um tópico mais explorado nos capítulos seguintes.

Finalmente, as fotografias e filmagens ilustram e eternizam situações. Podem ser ferramentas complementares a qualquer outra técnica utilizada, ou mesmo uma ferramenta central. Neste plano, os estudos de William H. Whyte (1971 – 1980) constituem uma referência: trabalhou com câmaras fotográficas e de filmar, pelo qual adotou o “Time-lapse photography”¹ em uma investigação desenvolvida em Nova

¹ ou “Câmera-Rápida” - técnica fotográfica/processo cinematográfico em que a frequência de cada fotograma ou quadro por segundo de filme é muito menor do que aquela em que o filme será reproduzido. Quando visto a uma velocidade normal, o tempo parece correr mais depressa. Alterações que normalmente surgem como sutis aos nossos olhos, como o movimento do Sol e das estrelas no céu, tornam-se evidentes com a utilização desta técnica.

York, a fim de retratar, da forma mais fiel possível, o cotidiano das pessoas em uma esquina de Manhattan.

Os registros fotográficos e de filmagens acompanharam todo o processo de estudo e levantamento de informações das Escadinhas da Saúde.

Globalmente, estas técnicas de observação contribuem para apreender e interpretar os comportamentos das pessoas, suas lógicas e usos, tendo simultaneamente em conta como a configuração dos espaços públicos é co-determinante na realização de muitos desses comportamentos. Observar – e a partir daí planejar - as ruas e os espaços públicos com o olhar de quem caminha tem o potencial de transformar profundamente nossas cidades.



3.

PARA ALÉM DA DESLOCAÇÃO -
As Escadinhas da Saúde
enquanto espaço público

3. PARA ALÉM DA DESLOCAÇÃO

As Escadinhas da Saúde enquanto espaço público

Ao longo do capítulo que agora se inicia, o trabalho terá respaldo na aplicação da matriz já apresentada dos Sistemas, Serviços, Actores e Valores do PSSS no contexto das Escadinhas da Saúde enquanto espaço de deslocação, mas também enquanto espaço público que detêm funções e práticas diversas. Serão identificados, mais profundamente, diferentes elementos que se relacionam com as Escadinhas – como as redes de espaços públicos, dinâmicas de ligações internas e paisagens. De igual modo será realizado o reconhecimento de determinados valores atribuídos àquele espaço e seus actores - quem frequenta, quando e como. Através destas matrizes e dimensões procurou-se: a) realizar a caracterização do lugar, complementando o percurso histórico do espaço e suas envolventes, b) ilustrar em mapeamentos e imagens as suas condições físicas e morfológicas, c) expor a aplicação de técnicas de observação através de diário de campo, contagens e registros audiovisuais.

A partir do entendendo do panorama teórico em que tudo que é público e comum é contingente – isto é, depende de contextos, valores, processos e imagens – e que requer olhares particulares sobre cada cenário específico - o trabalho ambiciona focar-se nos processos e nas diferentes maneiras de extrair informações através das ferramentas interdisciplinares determinadas, que resultará em um diagnóstico de pendor descritivo e aberto a interpretações diversas. O objetivo do trabalho não visa solucionar problemáticas ou demonstrar um juízo de valor sobre o espaço.

3.1

AS ESCADINHAS DA SAÚDE
E SUAS ENVOLVENTES

3.1 - As Escadinhas da Saúde e suas envolventes

É sabido que a cidade e os espaços públicos se apresentam como lugares de possibilidades, visibilidades e experiências. As Escadinhas da Saúde, localizadas na imediata proximidade da Praça Martim Moniz, em Lisboa, foi o alvo deste estudo por, atualmente, estar inserida numa dinâmica que nos diz muito as formas de gestão e de ocupação e usos do espaço na zona histórica envolvente baixa da cidade de Lisboa.

As Escadinhas da Saúde são um espaço público sem classificação única e categórica óbvia, como acima se viu através da tipologia de Pedro Brandão, que assim transita entre as representações de valor no centro da cidade. Isto nos remete às considerações de categorizações de espaço público elaboradas por Pedro Brandão (2008) apresentadas acima, sendo importante voltar a refletir sobre as Escadinhas da Saúde em um enquadramento enquanto “espaço traçado”, mas também um “espaço deslocação” e ainda como um “espaço paisagem” e “espaço memória”.

A outro nível, as Escadinhas da Saúde são um espaço de múltiplas representações, naturalmente complexo, ou, dito de outro modo, socialmente construído com um vasto e diverso conjunto de actores associados. Foi recentemente objeto de uma intervenção significativa com a implantação de escadas rolantes a cargo da EMEL - Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento de Lisboa. Reabertas ao público em 2018, as Escadinhas da Saúde encontram-se associadas a referências e valores plurais.

Neste sentido, procurarei alguns contributos em trabalhos da antropologia urbana, quer sobre o contexto urbano envolvente às Escadinhas da Saúde (o bairro da Mouraria), quer sobre a ideia de praticar um “olhar de perto e de dentro”, recorrendo à expressão do antropólogo José Guilherme Magnani (2002). Esta orientação teórica e metodológica, não sendo predominante na pesquisa realizada, viabiliza uma maior aproximação dos atores sociais às suas práticas e suportes espaciais. Através desse olhar, resulta um contributo para responder às muitas questões que se colocam no âmbito do viver, pensar e atuar na e com a cidade.

Finalmente, esta perspectiva dá realce à observação e compreensão dos usos e apropriações do espaço público a partir das práticas nem sempre formais ou dominantes – ou seja, confere importância a contra-usos (Leite, 2002) e lógicas informais (Frúgoli Jr., 2005).

3.1.1 – Contexto histórico

Tendo o seu primeiro lanço na Praça do Martim Moniz, as Escadinhas da Saúde, como outras escadas e escadinhas espalhadas pela cidade, permitem aos urbanitas vencer alguns dos acentuados declives que marcam a cidade de Lisboa. Elas

devem o seu topónimo à sua proximidade à capela da Senhora da Saúde, erguida no séc. XVI em honra de São Sebastião para combater a peste que grassava em Lisboa. Todavia, a sua edificação é bem mais recente. O blog Toponímia de Lisboa, criado pelo Departamento do Património Cultural do Município da capital, permite avançar um pouco na sua história, mas também na sua morfologia. Aí se afirma que:

“As Escadinhas da Saúde, que ligam a Rua da Mouraria à Rua Marquês de Ponte de Lima, enquanto topónimo resultaram de uma deliberação camarária de 17 de maio de 1906 e com esta denominação surgem na Planta Topográfica de 1910 de Júlio Silva Pinto e Alberto de Sá Correia. O seu traçado havia sido entregue à Câmara em 12 de dezembro de 1899, por António Caetano Macieira, que no seu terreno pretendia construir uma escadaria para ligar a Rua da Mouraria à Rua Marquês Ponte de Lima.” (As Escadinhas e a Rua da Senhora da Saúde contra a peste - [https://toponimialisboa.wordpress.com/2017/03/01/as-escadinhas-e-a-rua-da-senhora-da-saude-contra-a-peste/](https://toponimialisboa.wordpress.com/2017/03/01/as-escadinhas-e-a-rua-da-senhora-da-saude-contra-a-pest/))

Fig.6:

Localização das Escadinhas da Saúde e pontos de referência.
Fonte: Elaboração pela autora

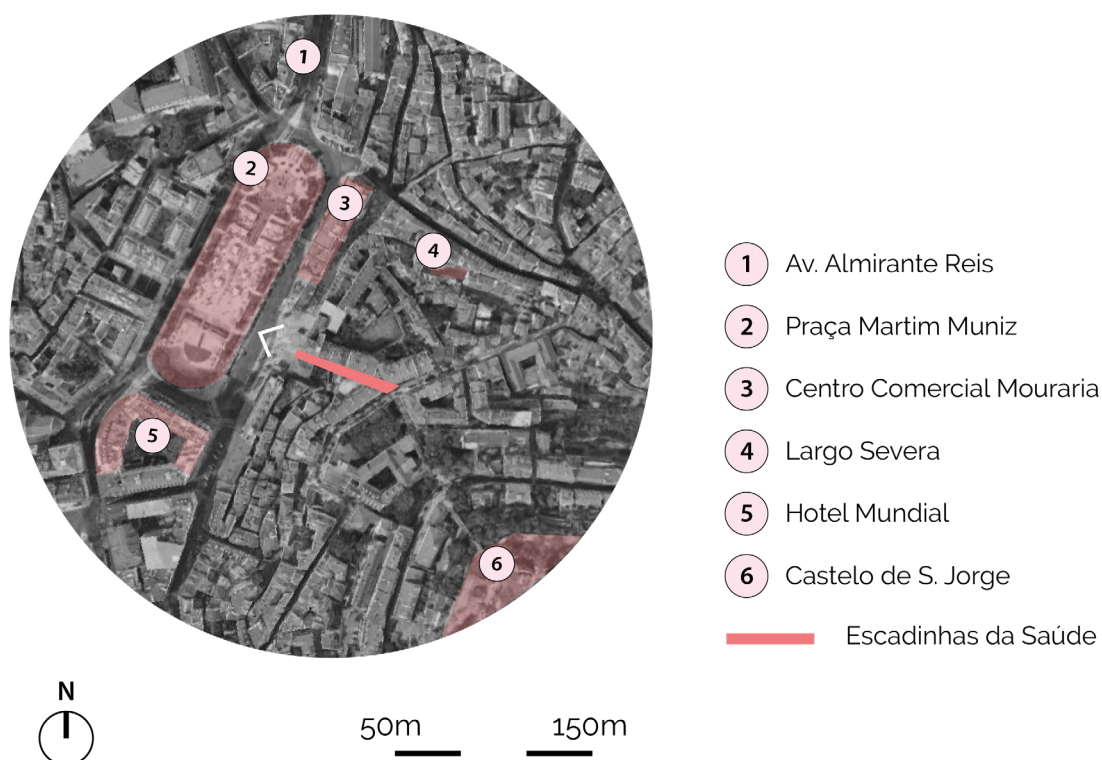




Fig.7:
Escadinhas da Saúde 1945.
Fonte: CML / AML / Arquivo
fotográfico / PT/AMLSB/CMLS-
BAH/PCSP/004/POZ/000336



Fig.8:
Escadinhas da Saúde. Ano
indefinido. Fonte: CML / AML
/ Arquivo fotográfico / PT/
AMLSB/LUP/000532

Assim como referido e bem sumarizado por Sánchez (2015), a Mouraria é “um bairro densamente povoado, de ruas estreitas e ar decadente, que arrasta consigo uma longa história de marginalização.” Apesar da sua localização no centro da cidade e da proximidade às principais atrações turísticas – nomeadamente o Castelo de São Jorge –, a Mouraria “carregou (desde finais do século XIX até ao final do século XX) uma imagem de pobreza, perigo e insalubridade. Mais tarde, o bairro foi finalmente concebido como um bairro multi-étnico alvo da requalificação urbana” (Menezes, 2004, 23-70).

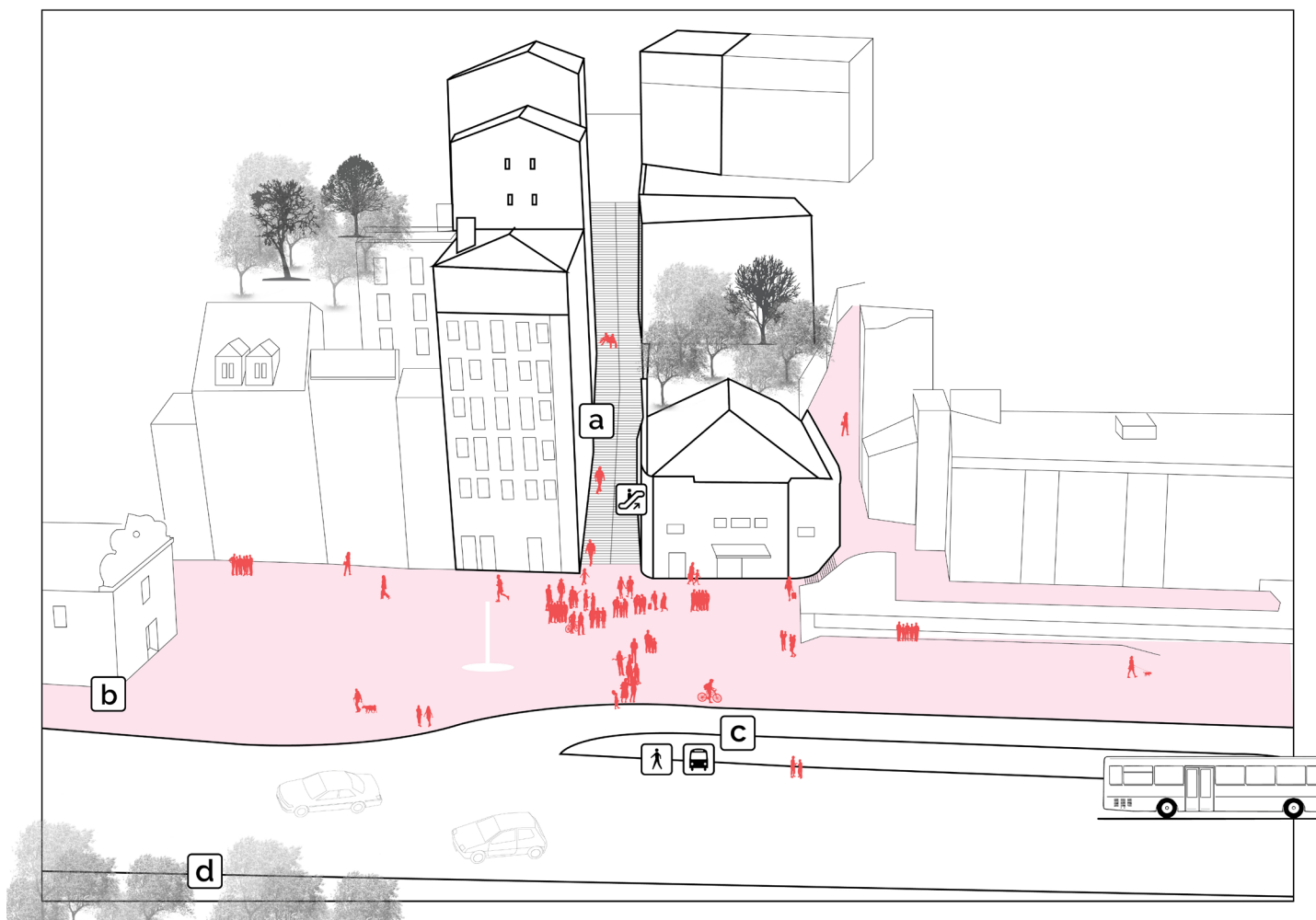
O Largo (que posteriormente deu lugar à praça Martim Moniz) acompanhou a narrativa de transformação do bairro: consideravelmente arruinado após o terremoto em 1755, vários edifícios foram reconstituídos parcialmente para fins comerciais, industriais e para ocupantes de estratos populares e modesto estatuto social. Segundo Luís Baptista e João Pedro Nunes, em “Lisboa Invisível” (2010: 60) o bairro da Mouraria constituía um dos centros da vida popular na Lisboa de finais do século XIX e início do século XX.

Fig.9:

Diagrama em perspectiva das Escadinhas da Saúde.

Fonte: Elaboração pela autora

- a** Escadinhas da Saúde **b** Capela de Nossa Senhora da Saúde **c** Paragem autocarro/elétrico **d** Praça Martim Moniz



No tocante às intervenções urbanísticas, em 1932 a Câmara Municipal de Lisboa, com o discurso de melhorar a circulação pública, negociou a aquisição do edifício palácio do Marquês de Alegrete, e logo em seguida, em 1946, demoliu. Com a demolição também da igreja Socorro e o quarteirão que os envolvia, o terreno foi terraplanado dando lugar ao Largo Martim Moniz. Segundo a antropóloga Marluce Menezes, a destruição perpetrada apenas poupou o núcleo do bairro da Mouraria e a capela de Nossa Senhora da Saúde. Neste período, no início do Estado Novo,

“[...] a intervenção foi marcad[a] pela realização de grandes obras públicas inspiradas por um planeamento retilíneo no qual a existência da cidade antiga era vista como um interregno ao progresso. Assim, à demolição dos “velhos bairros” e das “indignas” e “insalubres” habitações populares seguir-se-ia o delinear das vias por edifícios novos então considerados como detentores de nobreza arquitetónica, mais altos e rentáveis.” (Menezes, 2009)

Fig.10:

Diagrama em perspectiva das Escadinhas da Saúde.

Fonte: Elaboração pela autora



De acordo com a autora, com o segundo plano de urbanização para a cidade em 1967, toda a área do Martim Moniz foi submetida a uma proposta de renovação e revitalização, com um intuito de modernização, privilegiando a acessibilidade do automóvel. O largo foi um dos espaços que ficou desde então a mercê de tais políticas urbanas e que, contudo, acabou por não ser alvo do cumprimento de muitos dos planos. Isto resultou em um espaço público desvalorizado ocupado por acúmulos de lixo, escombros, transbordos de transporte e estacionamento. Em 1982, a Empresa Pública de Urbanização de Lisboa promoveu um concurso público em

que se elaborou um Plano de Renovação Urbana do Martim Moniz, onde se incluíam equipamentos, comércio em geral, instalações culturais, escritórios, habitação, estacionamento, etc. Só em 1997, refere Marluci Menezes, se recuperou a ideia de transformar efetivamente o largo em uma praça.

Mesmo após os planos de urbanização, ainda existiam muitos espaços vagos pós-demolições em massa, e se o espaço dava mostras de abandono, a sua população mantinha as características de precariedade socioeconômica. A isto acresciam dificuldades de implantação de actividades culturais dinamizadoras na zona da Mouraria. É neste contexto de lenta recuperação que o bairro é visto, até hoje, social e urbanisticamente como um constante objeto de reabilitação urbana - associado também à ideia de património.

"A área se torna atrativa para o desenvolvimento de um comércio grossista principalmente controlado por imigrantes indianos, paquistaneses, chineses, africanos, brasileiros, entre muitas outras nacionalidades, naturalidades e/ou origens. Alguns desses comerciantes/imigrantes passaram a viver na Mouraria e/ou nas suas redondezas. [...] Esses indivíduos passaram a fazer parte do contexto, dele se apropriando e nele construindo (e se constituindo como) paisagem. A realidade social e urbana da Mouraria alterou-se de forma marcante, tornando-se também um lugar de pessoas, práticas, músicas, artefatos, roupas e comidas diferentes, que primam pelo exotismo cultural." (Menezes, 2019)

Para além da Capela de Nossa Senhora da Saúde e da Praça Martim Moniz, um outro ponto-chave para a compreensão do entorno das Escadinhas da Saúde é o Salão Lisboa. Segundo a Câmara Municipal de Lisboa, foi o primeiro recinto, em 1916, especialmente construído para o espetáculo cinematográfico, algo que atesta a importância da posição relativa da Mouraria face ao centro da cidade do começo do século XX. Em 1932 será o ano em que se introduzem novas alterações, principalmente na fachada, num espaço também conhecido por "Salão Piolho". Tal espaço localiza-se ao lado das Escadinhas da Saúde e parte da sua estrutura dá suporte e é parte constituinte ativa do desenho da plataforma. Segundo a página de Facebook do Município de Lisboa,

"Até 1972, o Salão Lisboa continua nas mãos da família O'Donnell, altura em que suspende a sua exploração cinematográfica, pas-

sando aí a funcionar um armazém de revenda que, no entanto, continuou a manter na frontaria o nome de “Salão Lisboa”. (<https://www.facebook.com/camaradelisboa/posts/951421581544459/>)



Fig.11:
Salão Lisboa em (1967). Foto: Sid Kerner.
Fonte: <https://casepaga.blogs.sapo.pt/o-piolo-cinemas-onde-vi-filmes-salao-7575451>

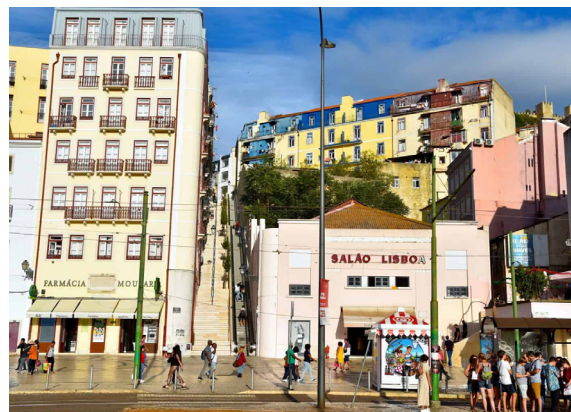


Fig.12:
Fachada das Escadinhas da Saúde e o Salão Lisboa atualmente; Foto: Maribel Sobrino. Fonte: <https://www.divertydoo.com/perdidos-por-lisboa/>

Neste contexto de ciclos entre interesses de empresas privadas e públicas, cenários de abandono, resistências traduzidas em manifestações culturais e a ocupação de imigrantes no decorrer dos anos, esta zona continua a ser alvo de intervenções que envolvem, sobretudo, integração de políticas públicas municipais e reconstruções imagéticas do espaço - conceito utilizado por Zukin (1995) ao se referir às imagens – desde mapas, fotografias de cartões postais e paisagens materiais não só simplesmente como instrumentos que refletem os espaços reais da cidade: elas são reconstruções “imagéticas”/“imaginativas” de específicos pontos de vista – de uma cidade monumental.

Neste perspectiva, os edifícios, parques e ruas tornaram-se representações visuais importantes na cidade de Lisboa: paisagens materiais, que retratam a história e a identidade dos lugares. Escadas, Funiculares e Elevadores são algumas das representações visuais mais integrantes da imagética da cidade de Lisboa, enquanto cidade que enfrenta desafios no planeamento de vias de circulação por causa das acentuadas irregularidades no seu relevo.



Fig.13:
Ascensor da Bica;
Fonte: <http://oviajantecomilao.blogspot.com/2016/09/funiculares-ascensores-e-elevadores-de.html>

As Escadinhas da Saúde, sendo um destes espaços-memória que conecta importantes zonas centrais da cidade, foram um dos espaços alvo de intervenção em 2018, pela Câmara de Lisboa:

“O projeto de novas acessibilidades à Colina do Castelo que têm por base o Plano de Acessibilidade Suave e Assistida à Colina do Castelo, contém um conjunto de propostas relativas às acessibilidades entre a parte baixa da cidade e o topo da Colina, assentes na introdução de meios mecânicos. Vai permitir atenuar as barreiras impostas pela topografia do terreno e pelas características do tecido urbano desta área histórica e que se constituem como fatores de exclusão social e de isolamento territorial.” (Fonte: Novas acessibilidades à Colina do Castelo - <https://www.lisboa.pt/cidade/urbanismo/espaco-publico/novas-acessibilidades-a-colina-do-castelo>)

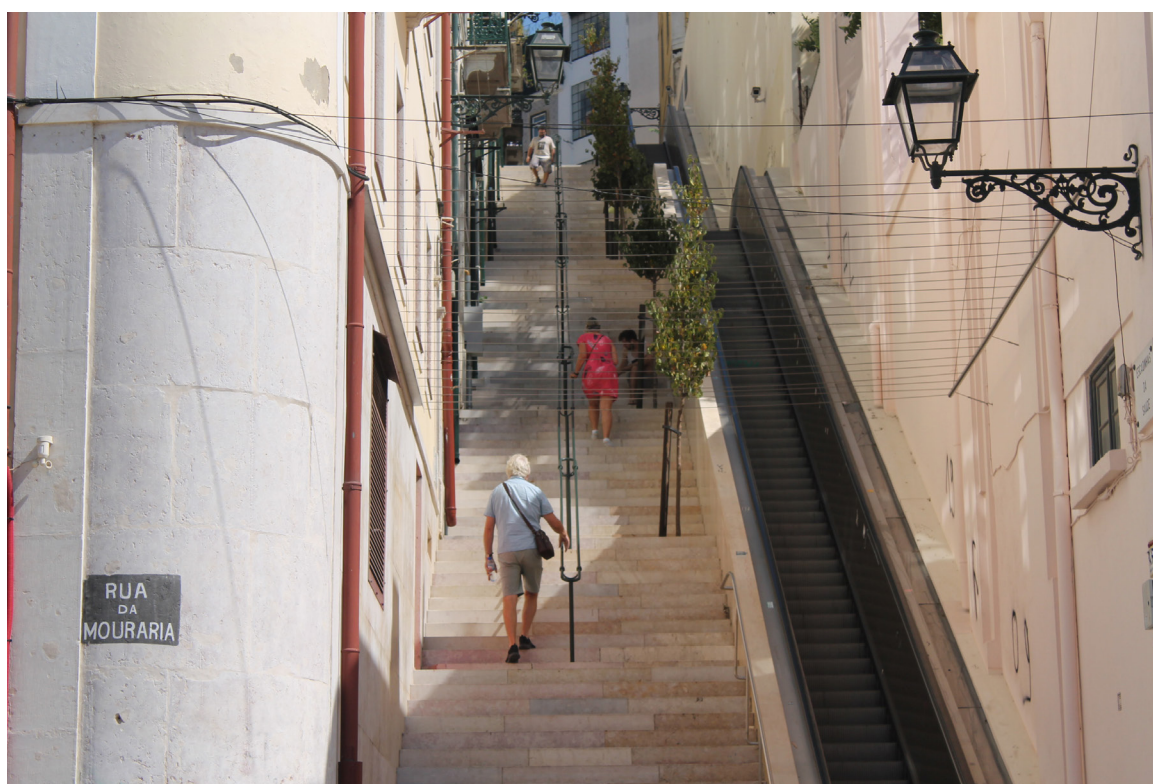


Fig.14:
Troço mecânico nas Escadinhas da Saúde; Fonte: Elaboração pela autora

3.1.2 – As Escadinhas da Saúde na malha urbana e na paisagem - uma análise espacial através de mapeamentos e diagramas.

“Questionar a cidade construída a partir da forma do sítio e da sua influência na modelação do traçado urbano permite identificar e perceber o valor do contexto no âmbito dos fenômenosfenómenos que agem na produção da forma urbana.” (FORMA URBIS LAB, 2015. p. 37)

Para captar a posição das Escadinhas da Saúde na malha urbana (tão diversa) que a envolve levou-se a cabo um conjunto de mapeamentos, levantamentos e desenhos que agora se apresentam - como a especificação de tipos de vias, (Figura 17), o tecido edificado (mapas de cheios e vazios - figura 16), e a topografia do terreno (Figuras 18, 19 e 20).

Esta análise está vinculada a dois objetivos deste trabalho. Por um lado, situar as Escadinhas da Saúde no sistema de espaços públicos que estruturam a zona, nomeadamente, as redes de circulação que as conectam a outras zonas da cidade. Os mapas, levantamentos e diagramas dão suporte à análise do que os autores do PSSS designam por “sistema” (ver, esquema 2, do tópico 2.2.1.1, p. 31). Por seu intermédio, procuro estabelecer uma leitura do espaço público baseada nas repercussões que elementos espaciais revelam e justificam os comportamentos e as relações de indivíduos para com a forma da cidade.

Especificamente, esta leitura procura identificar elementos que se comportam como causas primárias para a definição de especificidades do desenho urbano, como condições que envolvem o relevo do terreno, e que apresentam efeitos estruturantes nas cidades e nos espaços públicos, como as ruas e os passeios.

As escadinhas da Saúde localizam-se no ponto central dos mapeamentos, os quais envolvem também uma malha com um raio de 220 metros. O tecido edificado e o traçado urbano foram os primeiros mapas a serem desenvolvidos, já que estes facilitam uma visualização da disposição dos espaços cheios, vazios e suas conexões.

Fig.15:

Pontos de referência a nível macro.

Fonte: elaboração da autora.



As escadinhas da Saúde localizam-se no ponto central dos mapeamentos, os quais envolvem também uma malha com um raio de 220 metros. O tecido edificado e o traçado urbano foram os primeiros mapas a serem desenvolvidos, já que estes facilitam uma visualização da disposição dos espaços cheios, vazios e suas conexões.

A planta e desenho de ocupação deste recorte urbano (e da Mouraria, de uma forma generalizada) é irregular, com traçados anárquicos, ruas estreitas e tortuosas, com becos e pátios internos. Diferente de uma planta ortogonal, esta zona de Lisboa reduz a utilização do automóvel, facilita percursos a pé e possui grande número de obstáculos a transpor (escadarias e ruas íngremes, com traçado sinuoso). O vazio da praça Martim Moniz é o ponto onde ainda é possível detectar um traçado longitudinal, com uma circulação de automóveis mais presente em seu entorno imediato – tal afirmação é embasada também no mapa de delimitação de vias de circulação.

Fig.16:

Mapa de cheio e vazios – traçados urbanos.

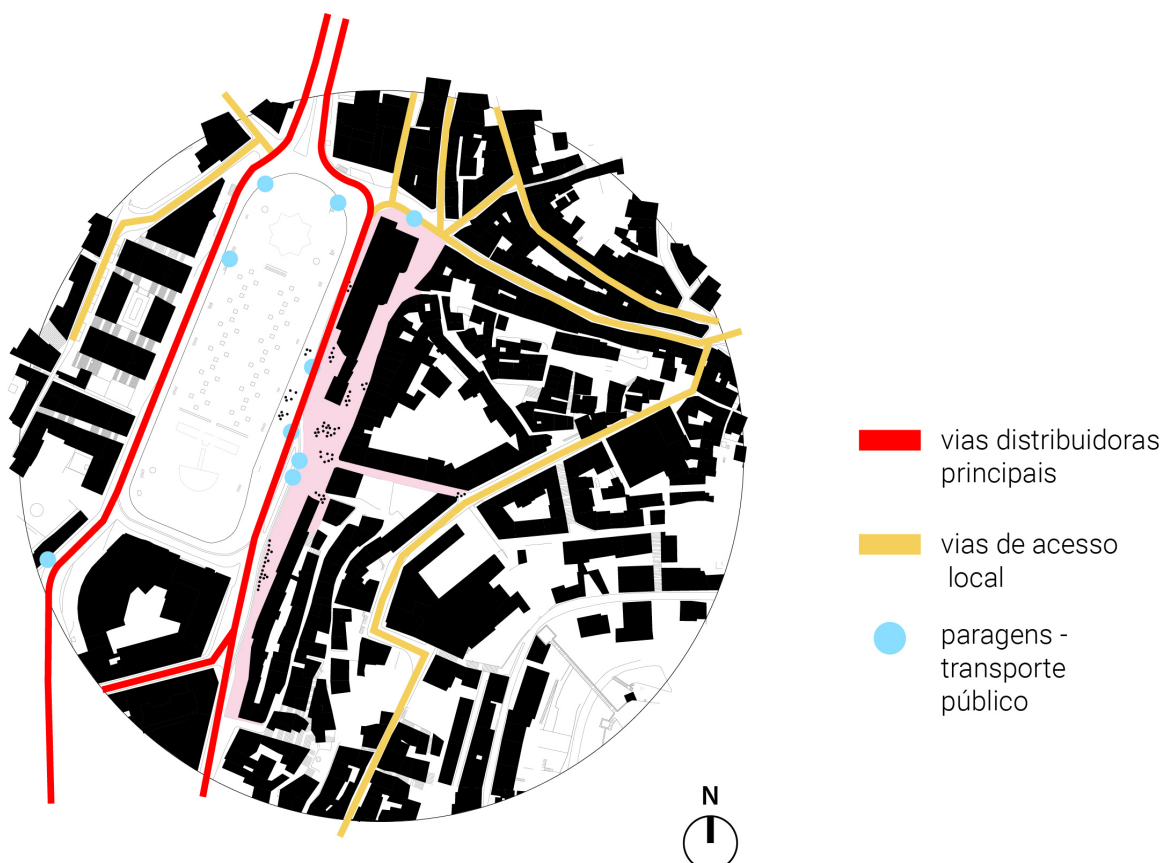
Fonte: elaboração da autora.



A reflexão da circulação viária desta zona se baseia no Manual do Planeamento de Acessibilidades e Transportes (2008), acerca da caracterização funcional dos diferentes tipos de vias e sua organização hierárquica. Existem quatro tipos de vias: 1) as vias colectoras (que “representam as deslocações de média e longa dimensão de ligação entre as zonas urbanas que representam os mais importantes pólos de geração e atracção de tráfego”, pág.11) com velocidades significativas, 2) as vias distribuidoras principais (fazem a ligação das vias colectoras às redes locais. Servem as necessidades de acessibilidade das actividades urbanas que se desenvolvem nos espaços adjacentes), 3) as vias distribuidoras locais (canaliza e distribui dentro dos espaços locais o tráfego com destino e origem na rede estruturante e garante a acessibilidade aos espaços adjacentes - garantem bons níveis de segurança particularmente para os peões), e 4) as vias de acesso local (destinam-se apenas a servir o acesso directo aos espaços adjacentes e os movimentos pedonais).

As vias à margem da praça Martim Moniz se enquadram como vias distribuidoras principais, tendo como função essencial fazer a ligação das vias colectoras às redes locais, com velocidade dos transportes motorizados até em torno de 50km/h. As outras vias identificadas no mapa se enquadram como vias de acesso local – se referem à circulações de velocidade reduzida, com presença mais ativa de outros meios de locomoção não motorizados (como caminhos a pé e bicicletas), sobretudo em ruas mais sinuosas e com presença mais intensa de edificações residenciais (normalmente, com circulação de veículo motorizado restrita para residentes).

Fig.17:
Delimitação de vias de circulação. Fonte: elaboração da autora.



A acção do relevo como fator deformador das malhas urbanas destacam-se por marcarem o território enquanto obstáculos que condicionam ou impedem os traçados regulares da cidade. Em Lisboa, este fenómeno é particularmente evidente em diversas zonas - a Mouraria é, certamente, um destes espaços.

A consciência desta característica resulta da variedade perceptível de traçados parcelares distintos e das diferentes formas de ocupação. Em um dos cadernos construídos pelo grupo de investigação Forma Urbis Lab em 2015 sobre os elementos urbanos, afirmam que a riqueza morfológica do traçado urbano de uma cidade advém sobretudo da existência de tais partes distintas.

“A unidade do traçado urbano, e consequentemente a unidade morfológica da cidade, é alcançada quando se estabelece a junção de partes distintas através de relações de continuidade, de estrutura e de articulação que, formando um objeto indivisível, se torna consequentemente complexo” Coelho, Costa (2015)

Um dos meios para se pensar na “junção” das partes distintas de uma cidade através da relação de continuidade se dá pelas estratégias de mobilidade urbana implantadas. No caso dos acidentes topográficos, em situações menos extremas, as edificações enfrentam um enorme desafio ao serem locadas, sobretudo por demandarem planos de acessibilidade que facilitem o usufruto do espaço. Escadas, funiculares e elevadores são soluções encontradas para viabilizar conexões dos traçados urbanos.

As Escadinhas da Saúde se inserem neste contexto de grande variação morfológica, sobretudo pelo relevo. Ao assumir uma finalidade de prover unidade através da sua função de conexão, as Escadinhas não são os únicos acessos possíveis para as ruas que se aproximam do Castelo de São Jorge, mas são um dos meios mais requisitados para tal.

Ao acessar diferentes plataformas online que fornecem informações gratuitas sobre as topografias das cidades de Portugal - informação também recolhida através de uma aplicação da Câmara Municipal de Lisboa - é fácil reparar nas grandes variações de alturas do terreno. A partir de um raio de 200 metros delimitado pela referência das Escadinhas da Saúde e da Praça Martim Moniz, criou-se uma ilustração da perspectiva da zona. A Praça Martim Moniz é o ponto mais plano.

Fig.18:
Perspectiva decurvas de nível. Fonte: elaboração da autora.

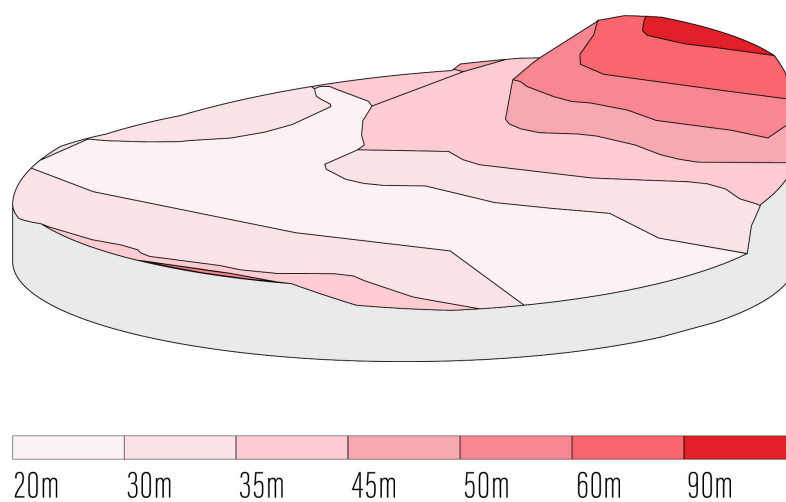


Fig.19:
Perspectiva de curvas de nível e volumes edificados. Fonte: elaboração da autora.

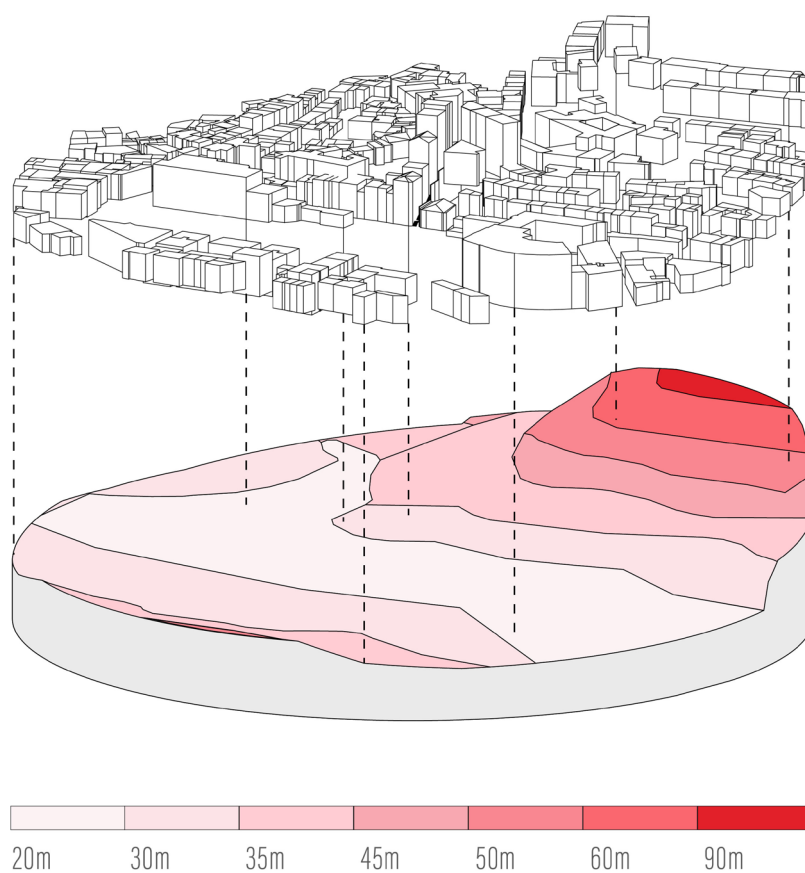
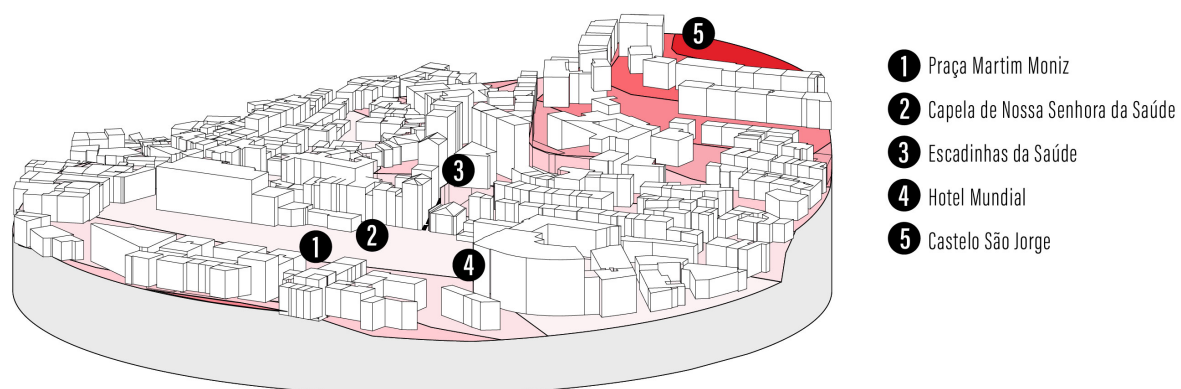


Fig.20:

Perspectiva de curvas de nível e volumes edificados. Fonte: elaboração da autora.



3.2

Utilizadores, fluxos e
permanências nas
Escadinhas da Saúde

3.2 - Utilizadores, fluxos e permanências nas Escadinhas da Saúde

Neste tópico serão identificados alguns dos usos, significados e características daqueles que fazem a utilização direta do espaço, vivem, trabalham, divertem-se ou visitam. Para isso, foi necessário adquirir uma magnitude da rotina do espaço e demandar um tempo de observação em campo - além de, por vezes e a depender da técnica utilizada, ter uma grelha de horários pré definidos, garantir ferramentas apropriadas de registro e intervir de forma efêmera e em microescala no espaço.

Todavia, ao fazer uso de metodologias e técnicas presentes na caixa de ferramentas de Jan Gehl, e através de uma longa e regular presença no espaço e na envolvente acedi enquanto observadora a alguns significativos elementos representativos.

3.2.1 – Contagens e diário de campo - teoria e metodologia, técnica e elaboração de dados

Como já referido aquando da apresentação das ferramentas e técnicas utilizadas por Gehl e Svarre, mas também por outros autores como Vikas Mehta (2013) e Patrícia Simões Aelbrecht (2016), as contagens são um dos procedimentos básicos nos estudos da vida pública. Estão associadas a questões de permanência e fluidez - no fundo, trata-se de saber quantas pessoas e quem permanece no espaço e/ou só transita ou circula. Esta metodologia possibilita a construção de um resultado objetivo e quantitativo, podendo ser utilizado para qualificar projetos/espacos e para solidificar, com números, argumentações nas tomadas de decisão. Os trabalhos desenvolvidos pelo Laboratório de Rua (LabRua), fundado em Campina Grande, Paraíba, no Brasil constituem para mim uma das maiores inspirações para a minha utilização de tal técnica. A metodologia de contagem no LabRua está associada aos diferentes meios de transporte: por exemplo, contabilizando deslocações em transportes motorizados e não motorizados que cruzam uma determinada estrada. No LabRua as contagens são utilizadas em diversas pesquisas com o objetivo de compreender de que forma se pode incentivar e fortalecer comportamentos que favoreçam a criação de um meio urbano mais democrático e sustentável. É importante entender como se dá essa dinâmica para que diretrizes de políticas públicas ou de desenho urbano sejam mais assertivas.

No meu trabalho nas Escadinhas da Saúde, esta técnica permitiu ter um registro bruto e quantitativo daquele espaço – quantas pessoas circulam, quantas usam as escadas convencionais e quantas usam a escada rolante, qual o sentido com maior fluxo (se é subida ou descida), o número de homens e de mulheres, número

de pessoas com dificuldade de locomoção, etc. A realização das contagens processou-se com base numa grelha de observação, que, contudo, não se limitou ao registo numérico, pois ela também permitiu registrar uma perspectiva subjetiva – ou seja, funcionou como um diário de campo. Isto porque havia espaço para assinalar, de forma descritiva, todo e qualquer elemento ou comportamento que influenciasse a maneira como o espaço pode ser interpretado: desde elementos urbanos físicos, a ações espontâneas significativas advindas da rotina local.

Apesar de ser apresentado com detalhe no capítulo 5 a minha prática de observação tomou igualmente como referência o trabalho de Patrícia Albrecht Simões (2016) que aborda um tipo de micro-interações urbanas e de espaços que designa como “Fourth Places”. A autora enaltece em seus estudos as contagens e os apontamentos associados às interações e comportamentos sociais em suas investigações quantitativas. No caso das Escadinhas da Saúde, seguir essa orientação contabilizando as pessoas que sentavam em escadas ou que demandavam algum tempo a praticarem outras ações que ultrapassavam o limite “subir” e “descer”.

Foram escolhidos dois dias da semana típicos para efetivar as contagens: um dia no meio da semana (quarta-feira) e um dia de final de semana (domingo). Ambos permitem um olhar muito particular sobre cada dinâmica de frequência e atividades no espaço. As observações à quarta-feira possibilitaram uma interpretação sobre o uso das escadas em dia de trabalho revelando toda uma rotina pelo qual as pessoas, convencionalmente, realizam tarefas e funções relacionadas à manutenção das suas vidas. Já ao domingo, em uma dinâmica de final de semana, estaria no panorama de rotina de descanso, pelo qual as pessoas se recolhem, acordam mais tarde, procuram atividades fora do habitual de meio de semana. A ideia era conseguir informações completas sobre uma quarta típica e um domingo típico. No total, demandei 2 meses para conseguir recolher informações completas de turnos completos, sem perturbações externas que interferissem significativamente nos resultados (como a chuva ou a paralisação das escadas mecânicas rolantes).

Outra tomada de decisão importante para efetuar as contagens e ampliar o diário de campo foram as escolhas dos locais estratégicos para realizar as observações. O percurso das Escadinhas da Saúde é extenso e, devido à altura que elas alcançam, não se vêem os pontos de acesso a determinadas distâncias. As informações recolhidas, a depender do ponto em que se está a aplicar esta técnica, variam. Como Dear and Wolch (1989) sugerem, as relações sociais podem ser “constituídas através do espaço”, “constrangidas pelo espaço” ou “mediadas pelo espaço” e o ponto do qual se observa conta para se entender estes processos de constituição, constrangimento e mediação dos usos pelo espaço.

Tendo em conta estes princípios, mais teóricos e mais observacionais, as contagens e as observações mais qualitativas que realizei foram realizadas em três secções diferentes: 1) na base da escada (com acesso para a Rua da Mouraria) (Fig.21); 2) na metade do percurso das escadas, onde, naquele recorte, a plataforma tem um

descanso maior entre um degrau e outro – e onde existe um intervalo entre as escadas rolantes (Fig.22); e 3) no topo (com acesso para a rua Marquês Ponte de Lima) (Fig.23). Foram atribuídos números às secções para facilitar a sua referência no decorrer do trabalho (Fig.24 e 25).

Fig.21:

A base da escada com acesso para a Rua da Mouraria.

Fonte: elaboração da autora.



Fig.22:

Ponto intermediário das Escadas / Intervalo entre as escadas rolantes.

Fonte: elaboração da autora.

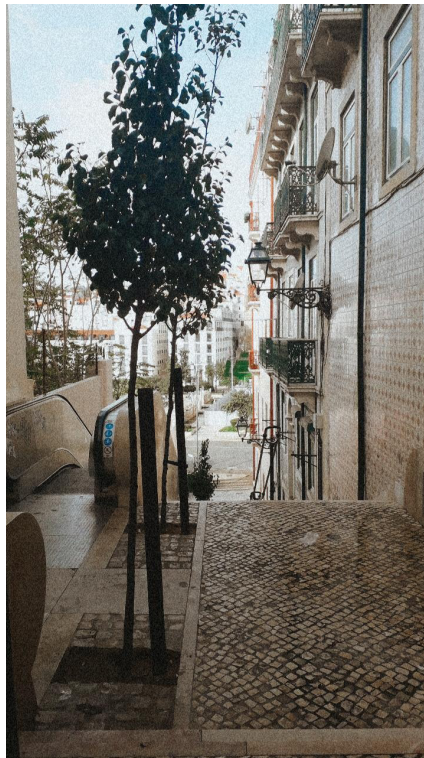
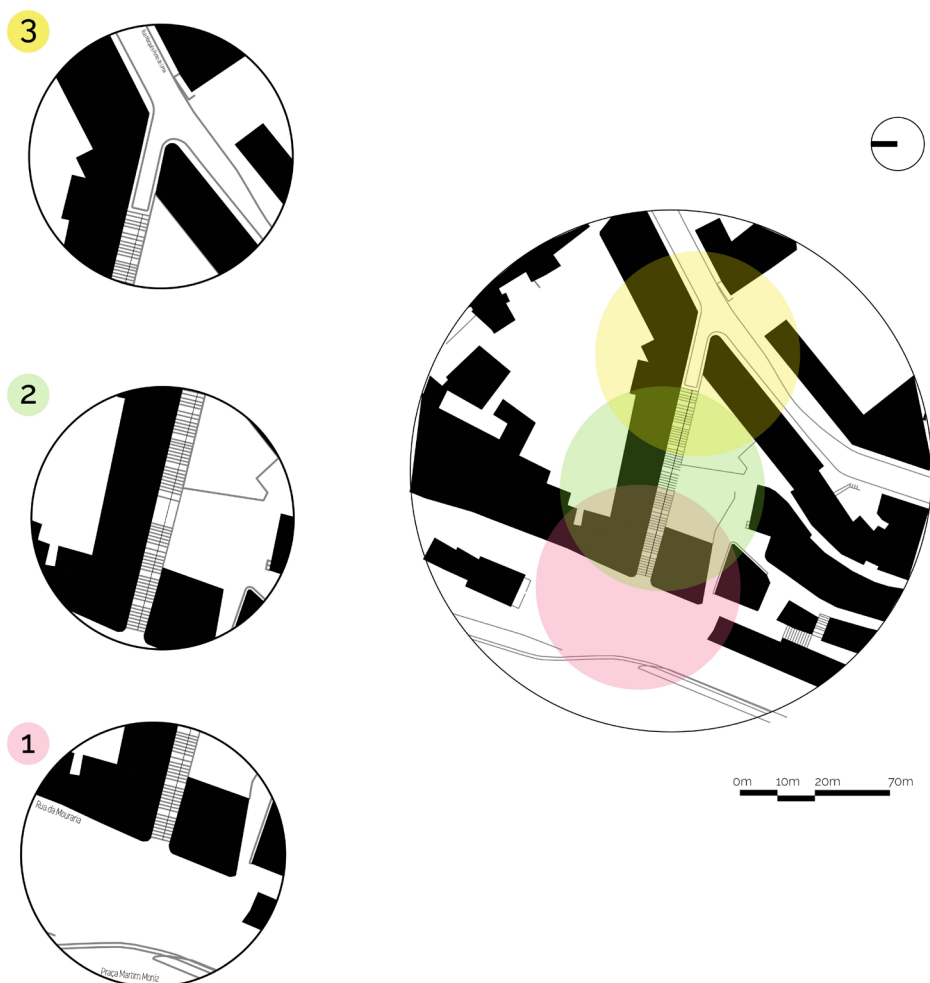


Fig.23:
 Topo das Escadas – com acesso para a Rua Maquês Ponte de Lima.
 Fonte: elaboração da autora.



Fig.24:
 Mapas de cada secção (1, 2 e 3) das Escadas.
 Fonte: elaboração da autora.

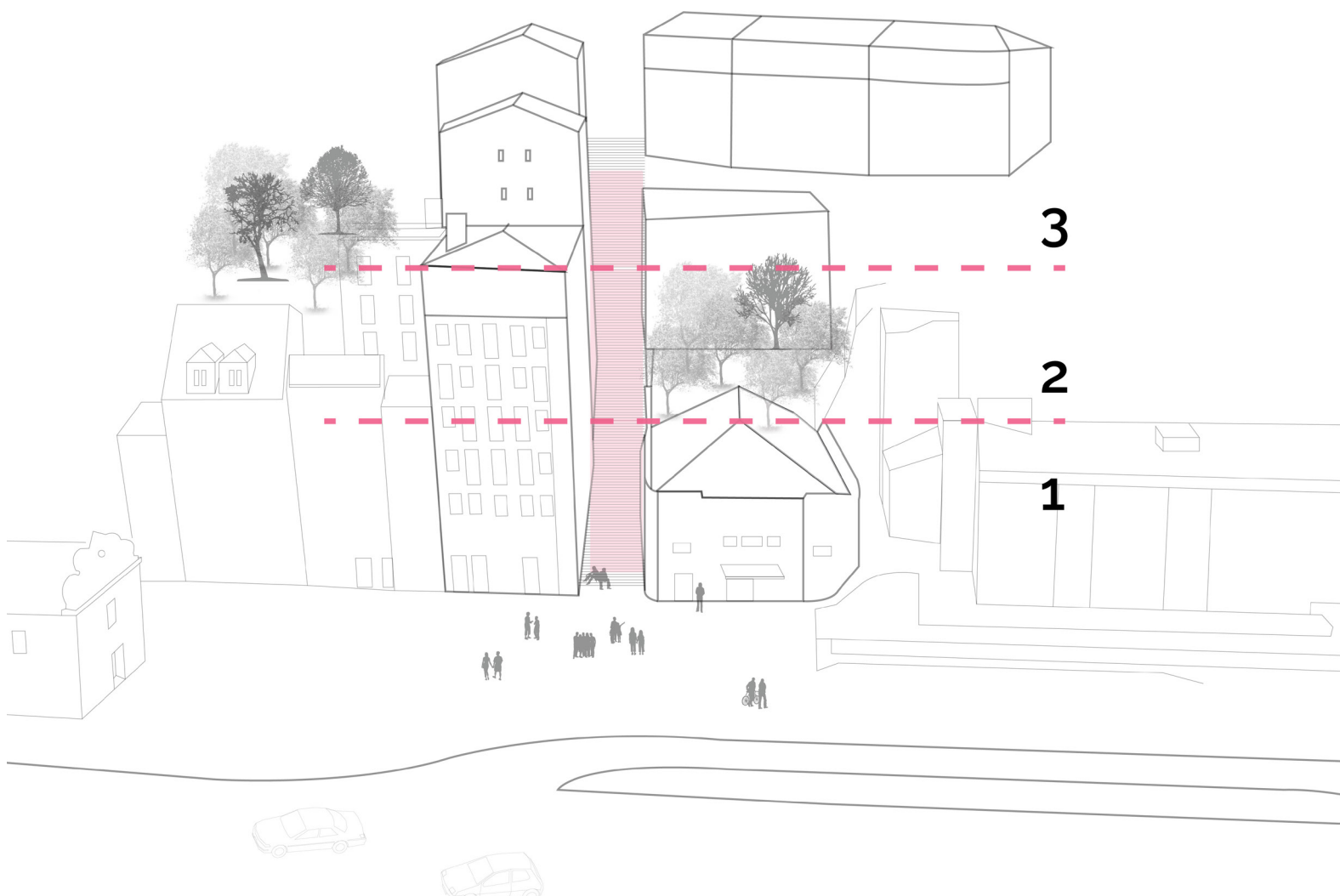


Descrevendo a técnica de execução, para cada secção uma grelha para preenchimento foi criada (Fig.26), assim como um mapa foi impresso (Fig.28) para servir de suporte para anotações descritivas e mais subjetivas do espaço específico – o material recolhido de tais descrições apoiaram o diário de campo. Os horários de observação envolveram três turnos: manhã (9h-13h), tarde (14h-17h) e noite (18h-22h). Tais horários foram distribuídos pelos três segmentos das escadas, demandando 30 minutos em cada espaço e sendo assim rotativo. Por exemplo: no turno da manhã, às 9h me encontrava no segmento 1 das escadas; às 9:30 eu me deslocava para o segmento 2 das escadas, às 10h para o topo e assim repetia-se o percurso até completar um turno inteiro. Isto contribuiu para que fosse possível ter um panorama equilibrado das escadas em uma forma geral.

Ainda que com estas técnicas a intenção, em princípio, fosse recolher e perceber informações das Escadinhas da Saúde enquanto uma unidade do espaço selecionado, cada segmento apresentou dinâmicas particulares - como se verá adiante. Portanto, como já era previsto, o tempo e o espaço escolhidos foram fundamentais para a demonstração do funcionamento daquele lugar.

Fig.25:

Diagrama com indicações de secções em perspectiva.
Fonte: elaboração da autora.



3.2.2 – Contagens, Ferramentas e Resultados - uma aproximação quantitativa aos usos das Escadinhas da Saúde

Com o preenchimento das grelhas de contagem (Fig.26 e 27), os dados foram transferidos para o computador. Todas as fichas e marcações se transformam em uma tabela com todos os horários e quantidades separadas entre si e por categorias. A partir daí consegue-se comparar melhor os diferentes momentos do dia, a direção de utilização das escadinhas, o sexo das pessoas que utilizam e gerar gráficos mais específicos e objetivos.

Fig.26:

Exemplo de grelha de contagens para a secção 01 preenchida;
Fonte: elaboração da autora.

local:		data:	horário:
Usou as escadas rolantes:			
Homem ☒ I		Mulher ☒ ☒ ☒ I	
Dificuldade de locomoção (devido a idade ou deficiência): 			
Usou a escada convencional:			
d e s c e	Homem ☒ ☒	Mulher ☒	
	S o b e	Homem ☒	Mulher
Dificuldade de locomoção (devido a idade ou deficiência): 			
Sentou-se: ☐		Parou para contemplar/fotografar: ☒ ☐	
Meeting/waiting: 			
Parou por algum outro motivo: 			

Fig.27:

ransferência de dados para uma tabela em Excel - exemplo de parte dos dados

Fonte: Arquivo pessoalFonte: elaboração da autora.

Quarta - Manhã (9h-13h)			
Baixo	Usou as escadas rolantes (H)	Usou as escadas rolantes (M)	L
	55	49	
Meio	Continuaram na escada rolante (H)	Continuaram na escada rolante (M)	
	52	44	
Topo	Usou as escadas rolantes (H)	Usou as escadas rolantes (M)	L
	94	63	
Quarta - Tarde (14h-17h)			
Baixo	Usou as escadas rolantes (H)	Usou as escadas rolantes (M)	L
	96	92	
Meio	Continuaram na escada rolante (H)	Continuaram na escada rolante (M)	
	31	18	
Topo	Usou as escadas rolantes (H)	Usou as escadas rolantes (M)	L
	47	34	
Quarta - Noite (18h-22h)			
Baixo	Usou as escadas rolantes (H)	Usou as escadas rolantes (M)	L
	71	55	
Meio	Continuaram na escada rolante (H)	Continuaram na escada rolante (M)	
	44	22	
Topo	Usou as escadas rolantes (H)	Usou as escadas rolantes (M)	L
	79	47	

Fig.28:

Mapa da secção 1, auxiliar na construção do diário de campo.

Fonte: elaboração da autora.

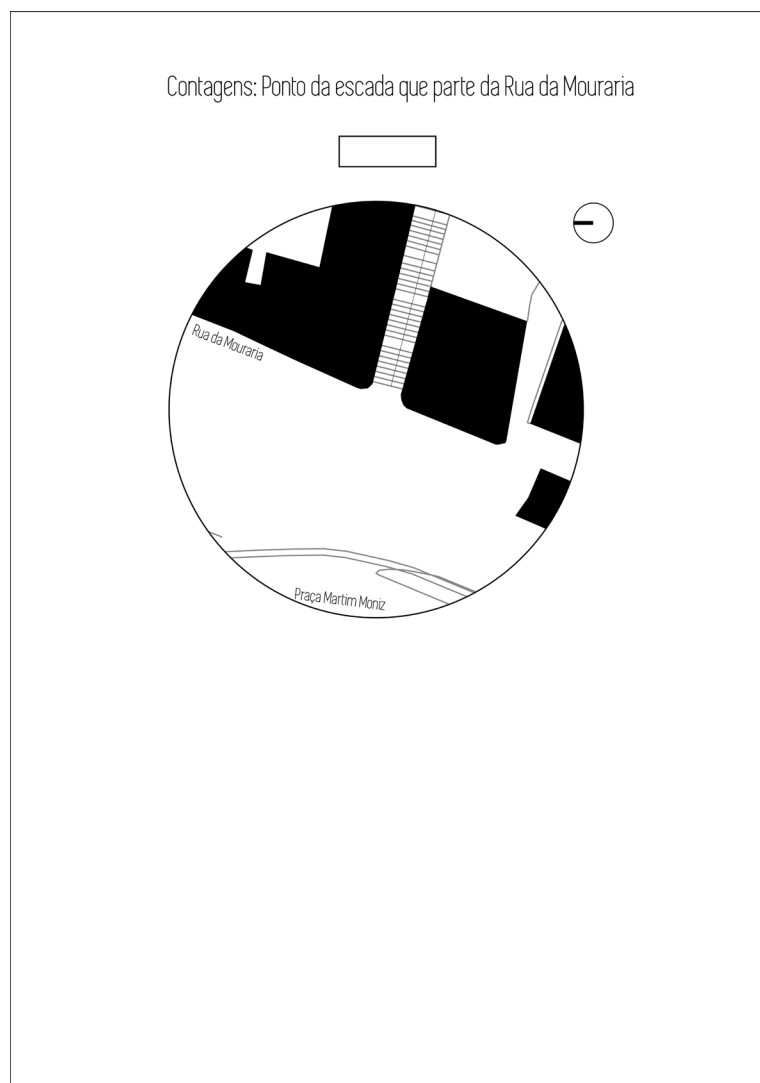
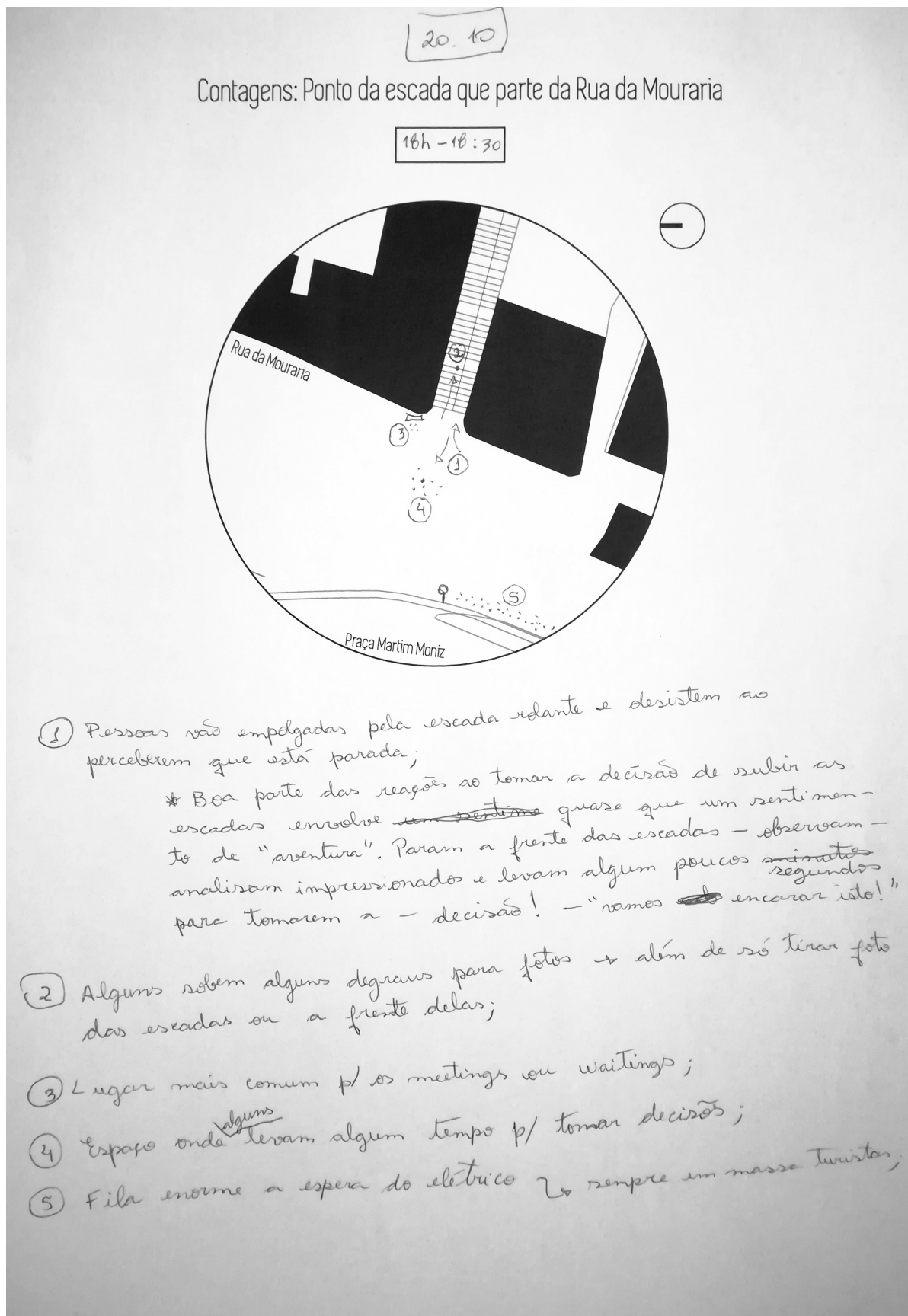


Fig.29:

Mapa da secção 1, auxiliar na construção do diário de campo - preenchido;

Fonte: elaboração da autora.



Ao voltar-se para os dados mais objetivos e previsíveis advindos das contagens, é possível reparar que, no geral, as pessoas utilizam mais as escadas rolantes do que as escadas convencionais e, portanto, sobem muito mais pessoas do que descem (Fig.30). Os turnos da tarde (14h-17h) são os com maior frequência de pessoas nas Escadas, tanto na quarta como no domingo (Fig.31).

Fig.30:

Média dos números de pessoas que sobem e descem as escadas;

Fonte: elaboração da autora.

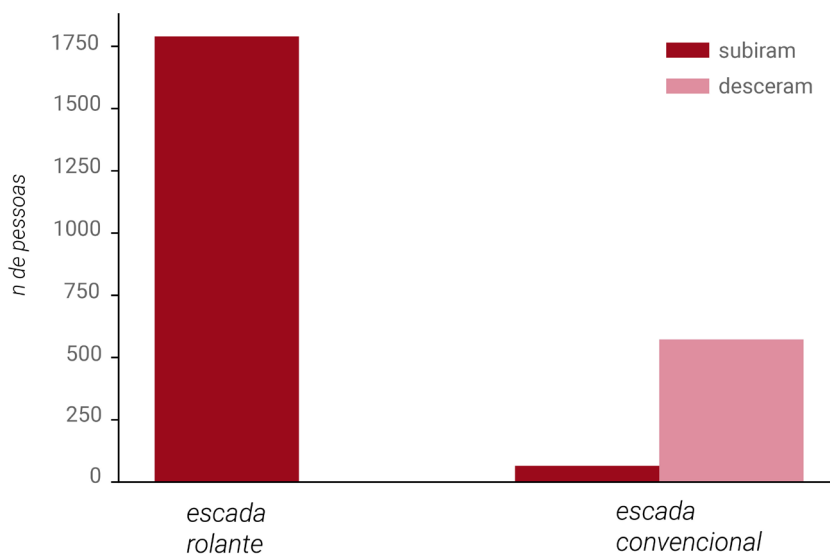
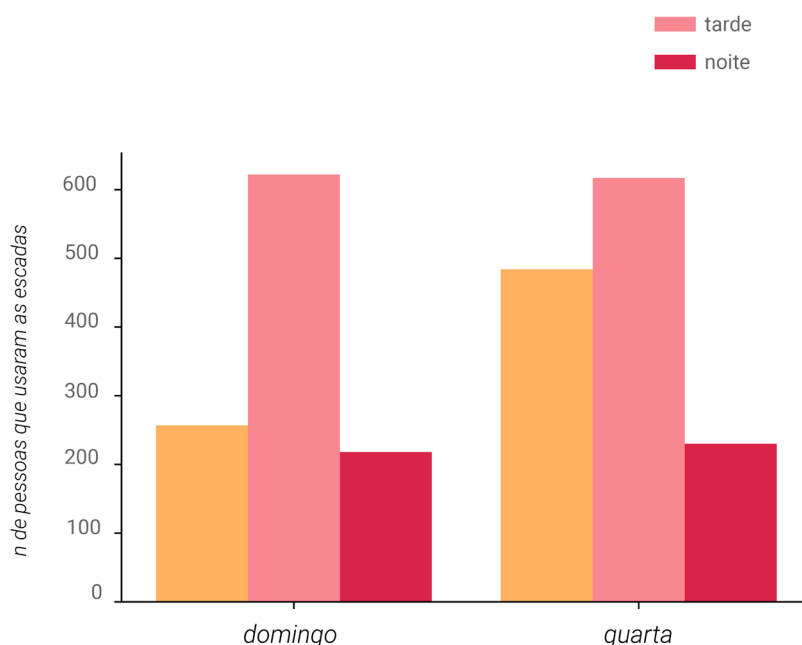


Fig.31:

Média do número de pessoas que utilizaram as escadas (as duas ou só a mecânica) nos três turnos do dia: manhã (09h-13h), tarde (14h-17h) e noite (18h-22h);

Fonte: elaboração da autora.

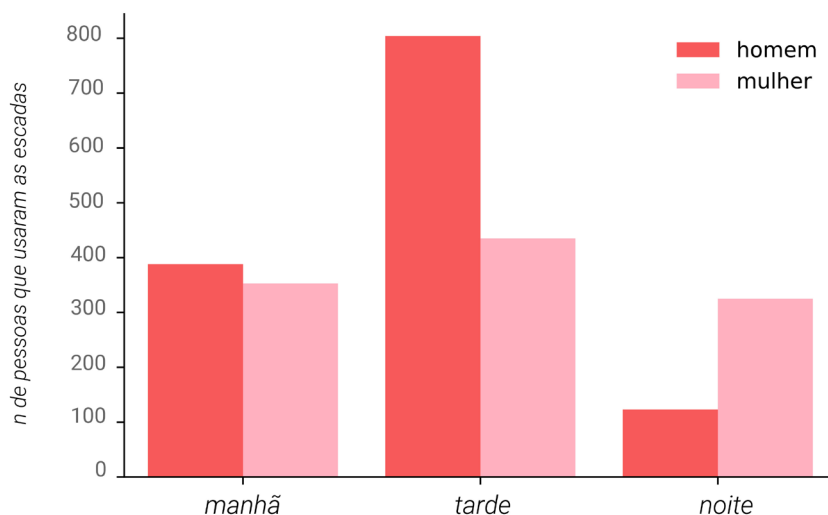


Informações referentes à frequência de pessoas com representações lidas socialmente como masculinas ou femininas (no espectro limitado binário homem e mulher) demonstram que os homens frequentam mais o espaço, exceto no turno da noite (Fig.32).

Fig.32:

Média do Número de pessoas que utilizaram as escadas (as duas ou só a mecânica), por sexo, nos três turnos do dia: manhã, tarde e noite;

Fonte: elaboração da autora.



Para lá das subidas e descidas, a utilização da grelha e as observações sistemáticas que realizei permitiram-me registrar outros comportamentos - contemplação da paisagem ou a captura de fotografias (Fig. 33), sentar-se (fig. 34) e implicar-se interações (Fig. 35). Portanto, interessa apontar que:

- 1- Apesar de a frequência de homens ser menor nas escadinhas no turno da noite, a permanência e os outros tipos de utilização do espaço - como sentar - são praticadas apenas por homens em horários mais tardios. Isto evidencia uma questão acerca das (in)seguranças na narrativa da exposição das mulheres em espaços públicos, sobretudo em horários nocturnos. O permanecer se torna perigoso.
- 2- A quantidade de pessoas a fotografar na base das escadas revela que, como artefacto, as escadas são fotografadas - reforçando o seu valor enquanto elemento no Sistema de espaços envolventes e enquanto Valor Paisagístico.
- 3- A quantidade de pessoas a fotografar no topo revela a importância das escadas na tomada de vistas sobre a colina oposta à do Castelo S. Jorge;
- 4- A distribuição do comportamento "sentar-se" é reveladora de como as escadas servem de plateia para a vida na Praça e para o horizonte urbano que a Cénariza.

- 5- Mas também o “sentar-se” no topo, facilitado por haver poucos utilizadores da escada convencional face à mecânica - sugere um uso da vista e de um ponto de pausa.
- 6- Finalmente, a variedade de outras interações que têm lugar na base das escadas sugere a importância das vias e do passeio entre as ruas antigas e a Praça como ponto de sociabilidade. A seguir, a propósito das interações sociais, avançarei nesta leitura.

Fig.33:

Número de pessoas contemplando ou fotografando por secção.

Fonte: elaboração da autora.

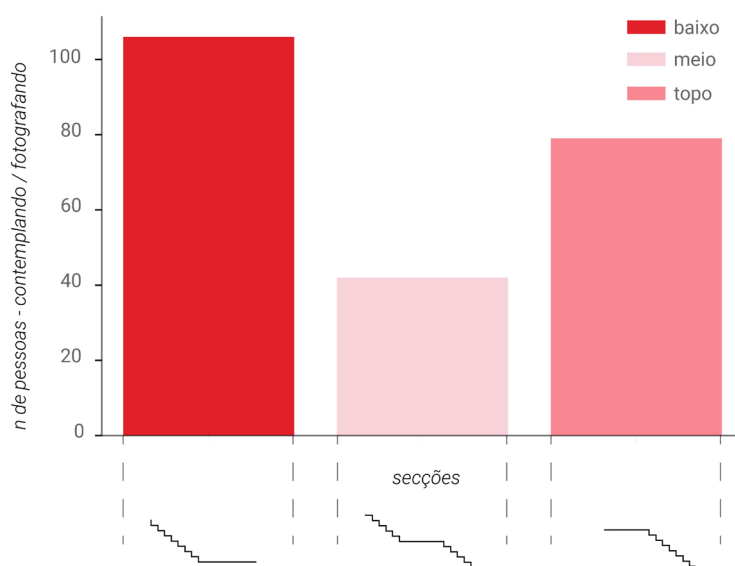


Fig.34:

Número de pessoas sentadas por secção.

Fonte: elaboração da autora.

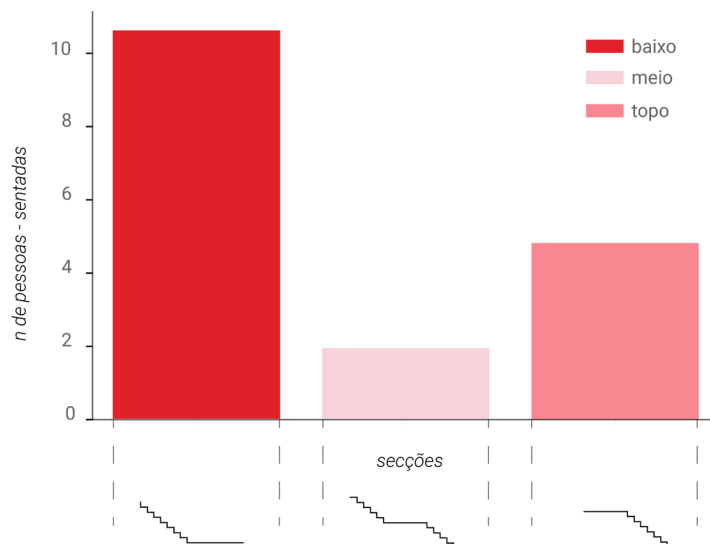
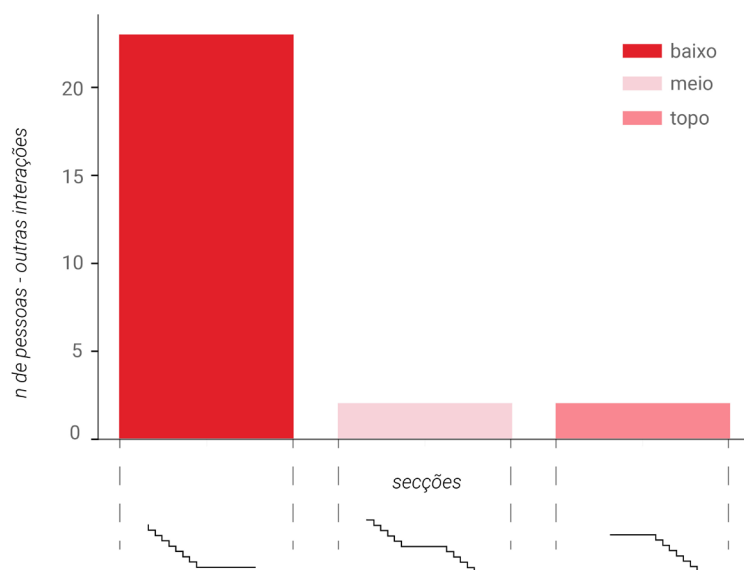


Fig.35:

Número de pessoas em outras interações.

Fonte: elaboração da autora.



3.2.3 – Diário de campo: algumas observações da espacialidade e sociabilidade nas Escadinhas da Saúde

A EMEL (Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento de Lisboa) descreve as Escadinhas da Saúde como o primeiro troço mecânico que facilita a ligação do Martim Moniz ao Castelo, sendo um apoio importante para residentes e turistas. Apesar de esta empresa municipal enfatizar o objetivo do serviço em facilitar a locomoção tanto dos usuários que vivem naquela zona como para os que visitam, a minha observação regular permitiu reparar uma notável presença em massa de turistas no local – sobretudo na primeira secção das Escadinhas. Antes de se avançar nas sociabilidades e micro-interacções informais e públicas, importa notar que em relação às Escadinhas da Saúde, na sua base, a Rua da Mouraria tende a funcionar como átrio. Foi através da observação desta articulação entre Rua e Escadinhas que se evidenciou uma forte ocupação turística.

Como Maurício Pimentel (2013) sublinha, verifica-se a necessidade de estudar o Turismo a partir dos turistas e de sua experiência dos lugares visitados. Para o autor, a importância da dimensão espacial da vivência turística surge como traço distintivo da mesma em relação a outras atividades extra-cotidianas. Portanto, para além das descrições dos espaços, é preciso “ressaltar o modo como o mesmo é percebido, conhecido e atribuído de sentido pelas pessoas que com ele têm contato, bem como sentimentos que nelas desperta” (Pimentel, 2013). Interrogando-se sobre

as condições que estão presentes na base das atitudes e dos comportamentos dos turistas, Pimentel faz uso da leitura de Chris Ryan, especialista em estudos sociais de turismo. Segundo Ryan,

“Os turistas chegam com um conjunto de expectativas e motivações formadas por variáveis sócio-econômicas e pelo seu conhecimento e percepção da área. O lugar visitado é em si um transmissor de informações com suas infra-estruturas, rede de transportes e pontos de contato com outros, afetam os desejos e, portanto, o comportamento. Da mesma maneira, a limitação de tempo e as circunstâncias abruptamente diferenciadas (em relação a seu lugar cotidiano) têm o seu papel na determinação da experiência turística” (Ryan, C. 1995, *Recreational Tourism: a social science perspective* citado por Pimentel, 2013, p.38)

Ryan argumenta que um conjunto de comportamentos parecem estar presentes na experiência turística, como por exemplo:

“(a) recuperação do cansaço da viagem; um processo de comparação entre a expectativa e o encontrado; um processo de ajustamento à mudança de lugar e à mudança temporária de estilo de vida; além de uma busca por conhecer o local, uma vontade de explorar, de realizar aprendizados e descobertas.” (Ryan, C. 1995, *Recreational Tourism: a social science perspective* citado por Pimentel, 2013, p.38).

Os comportamentos dos turistas se diferenciam, desse modo, dos comportamentos e atitudes daquelas pessoas que usufruem do espaço em suas atividades cotidianas. As minhas observações sugerem que estes comportamentos, na envolvente às Escadinhas, geram espacialidades e sociabilidades discerníveis. É de referir que a secção n.º 1 das Escadinhas da Saúde abrange o átrio da Rua da Mouraria, espaço que é dotado de diversos elementos atrativos no âmbito do consumo, bem como no âmbito monumental e turístico. São variados os cafés, hotéis, airbnb, restaurantes, padarias e lojas nas proximidades, que acabam também por se estenderem para além dos espaços internos: ocupam esplanadas e calçadas - e que organizam permanências sociáveis e uma espacialidade própria à experiência turística da cidade.

Além dos espaços de uso comercial, é importante referir mais dois fatores fun-

damentais que durante a observação que realizei tiveram grande impacto na leitura que proponho do modo como a construção da percepção daquele espaço se efectuou: a paragem de transporte público que abarca o eléctrico 28E e o autocarro 208, e a instalação “RE-VOLTA”, que media quatro metros de altura e permaneceu 3 meses na Rua da Mouraria, em frente às escadinhas (Fig. 36).

3.2.3.1 – Da Re-Volta à Triangulação: explorando espacialidades e sociabilidades a partir de uma instalação efémera

Começando pela instalação de carácter efémero intitulado RE-VOLTA, esta resultou do projeto Lixo Zero Mouraria, da associação Zero Waste Lab, e permaneceu alguns meses no átrio da Rua da Mouraria. Era composto por materiais recolhidos em praias e nas ruas da cidade. Em artigos publicados no periódico Observador² e Time-out³, é relatado que os artistas Nuno Saraiva e Madalena Martins já se detiveram a observar a reação de quem passava por perto: “Estive aqui uma tarde e fiz a análise. Quando uma criança, em dois segundos, lê a peça isso é incrível”, afirmou Madalena, adiantando que os moradores da zona “sentiram alguma vergonha” por verem que as beatas apanhadas no chão no bairro fazem parte da estrutura. Por um tempo a instalação foi novidade para os moradores locais, passando logo posteriormente a ser um elemento comum da rotina diária. Entretanto, a instalação foi alvo de atenção constante para turistas, que ao esperarem pelo eléctrico/autocarro na paragem em filas ou que passeavam pela zona, se deparavam com a instalação com surpresa.

Fig.36:

Instalação RE-VOLTA.

Fonte: elaboração da autora.



² <https://observador.pt/2019/09/19/re-volta-o-vomito-do-peixe-que-devolve-a-sociedade-o-que-foi-lancado-ao-mar/>

³ <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/eles-criaram-um-peixe-a-vomitar-lixo-dos-esgotos-na-mouraria-092319>

Este tipo de intervenção no espaço público suscita o que William H. Whyte designa por triangulação. Segundo João Pedro Nunes (2016, p. 68), Whyte argumenta que “micro-amenities play a considerable role in (...) central city microenvironments’ uses and appropriations. Available seats, views, and weather protection all favor pedestrian’s permanence on the central city sidewalks or plazas.” Por outro lado, o trabalho de Whyte mostra que “blocked views, voids and traffic intensity hinders pedestrian permanence and sociable exchanges. These exchanges are facilitated by a process” Whyte (2002, p. 94). Esta facilitação da troca é designada por “triangulation”, definido como “[a] process by which some external stimulus provides a linkage between people and prompts strangers to talk to each other as though they were not” (Whyte, W.H. 2002 [1980], em sua obra *The social life of small urban spaces*, citado por Nunes, 2016).

Entre os vários estímulos de triangulação encontram-se as obras de arte pública, que suscitam pequenas conversas, trocas sociáveis entre quem observa a obra, a performance ou mesmo quem observa os observadores da situação (Nunes, 2016, p. 68). Num trabalho recente, Patrícia Simões Aelbrecht (2016) recorre a este conceito de triangulação para analisar usos do espaço e sociabilidade no Parque das Nações. A autora conclui que “‘Triangulation’ does not depend only on the existence of external stimuli but also on where and how it takes place - location, orientation, scale and distance.”

Na Rua da Mouraria, na zona que funciona como átrio das Escadinhas da Saúde, a instalação RE-VOLTA contribuiu para a permanência de passantes no átrio das escadas. Assim, para além da forte presença de turistas, durante alguns meses, a instalação de cerca de 4 metros de altura ofereceu hipóteses de breves trocas entre transeuntes favorecendo a “sociabilidade entre estranhos ou desconhecidos”.

Seguindo a proposta de Patrícia Simões Aelbrecht mencionada, a localização do objeto de triangulação é fundamental para entender as sociabilidades e espacialidades que se desenvolvem. Relativamente às Escadinhas da Saúde, pude verificar através da observação que conduzi, que a sua atratividade - e a possibilidade de se constituir como objeto de triangulação - está intimamente conectada à presença das paragens de elétrico e de autocarro.



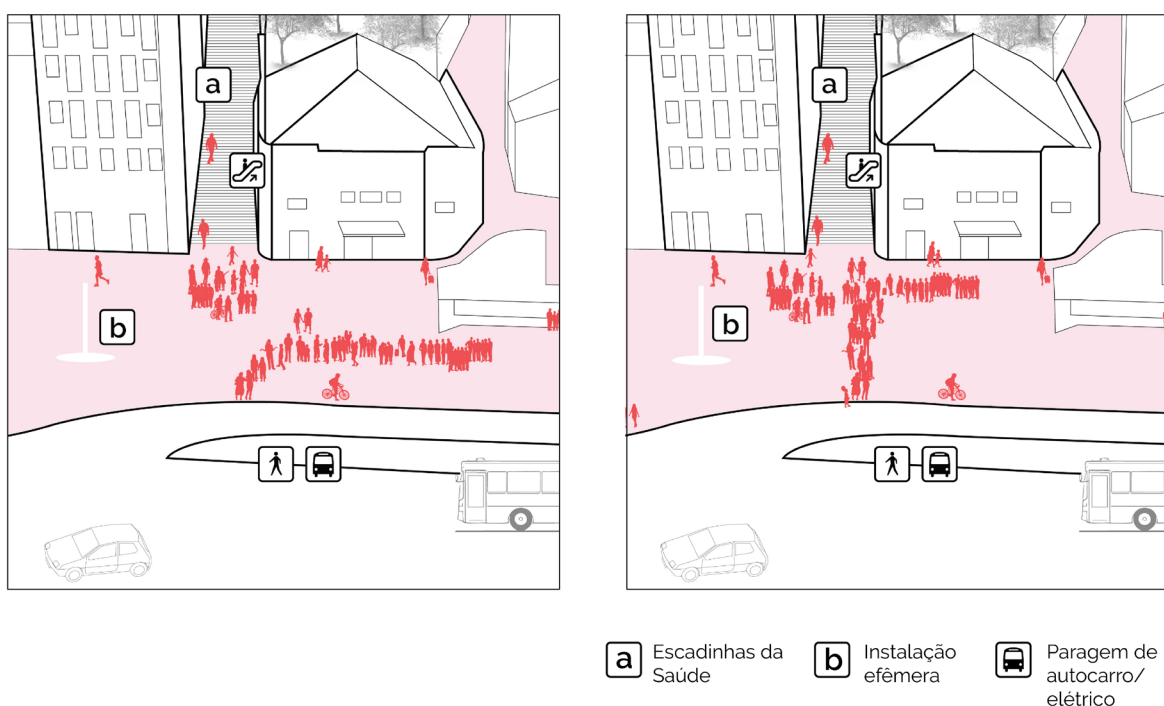
Fig.37:
Paragem de autocarro/elétrico
Fonte: elaboração da autora.

Ao longo da observação, registrei que a maneira como as filas são espontaneamente criadas para acessar o elétrico 28E e o autocarro 208 são determinantes para a atração de pessoas, tanto para a instalação artística, enquanto aí permaneceu, como para as Escadinhas da Saúde. Neste caso de forma mais duradoura. Verifiquei que à medida que as filas têm disposições diferentes (Fig. 38 e 39), as Escadinhas ficam menos ou mais expostas a determinados olhares. As feições ociosas de quem espera o transporte público refletem a busca por outras experiências visuais, outras distrações.

Fig.38:
Paragem de autocarro/elétrico
Fonte: elaboração da autora.



Fig.39:
Filas 1 e 2 - Ilustração dos dois tipos de formações de filas à espera de transporte público.
Fonte: elaboração da autora.

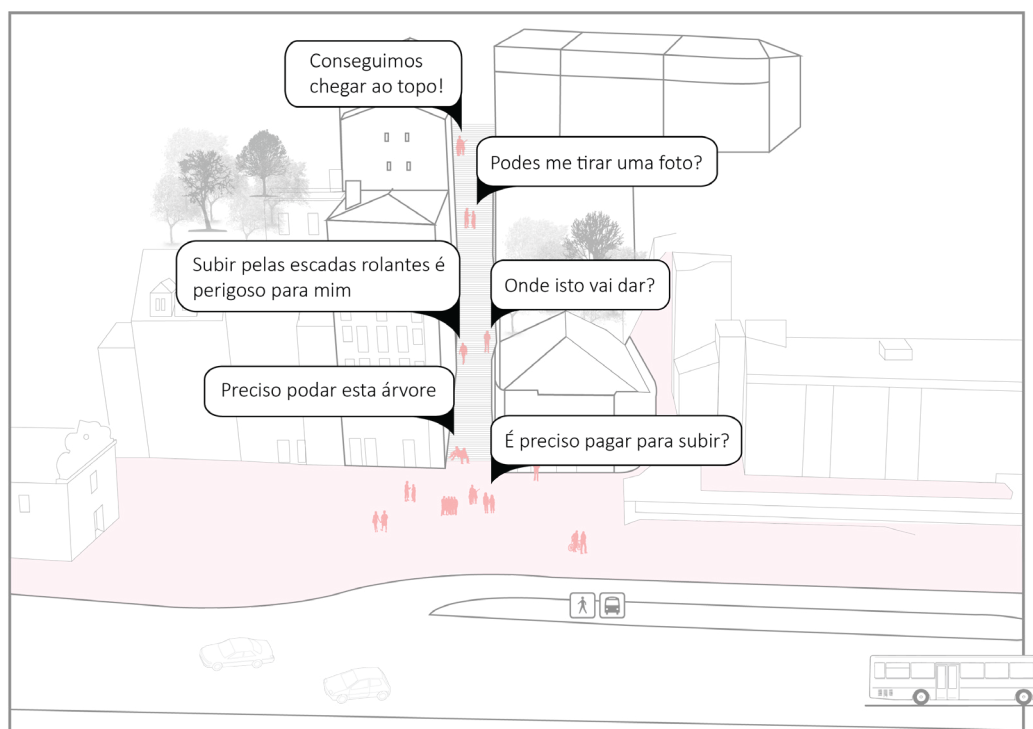


3.2.3.2 – Usos turísticos e usos locais das Escadinhas da Saúde

Entre um público predominantemente turístico, é perceptível identificar os diferentes tipos de reações e comportamentos com relação às escadas. Em sua maioria, são olhares surpresos pela dimensão/altura das escadas, admirados pelo efeito da escada rolante à céu aberto e em pleno espaço público, interessados pelo que podem encontrar ao topo – o destino é um lugar obscuro. São olhares e movimentos corporais prontos para embarcar em uma aventura: alcançar o topo através de uma experiência itinerante. Ao vivenciar, por parte dos utilizadores, as escadas nas suas diferentes secções enquanto sobem/descem, a ideia do destino obscuro se torna ainda mais factual, a medida que as fachadas das casas - janelas e padrões de azulejos - que têm acesso direto para as escadas são também alvo de atenção e contemplação. Ao chegarem ao topo, após contemplarem uma vista à medida que as escadas automaticamente sobem, era exaustivamente comum reparar na indecisão para seguir um rumo - "Para que lado vamos?". E a demanda de um tempo para voltarem a olhar para o mapa ou para procurarem por placas sinalizadoras.

Fig.40:

Algumas falas ditas no período de produção do diário de campo.
Fonte: elaboração da autora.



Já no âmbito do público local e residente, para além do uso estabelecido em ambas as escadas (as rolantes e as convencionais) foi também possível reparar em atividades alternativas exercidas naquele espaço. Exercícios físicos nos degraus, o corrimão como escorrego (figura 41), os patamares como descansos (figura 42), e as paredes para manifestações artísticas constituem usos das escadas menos visíveis e menos impositivos do que os que resultam da circulação de visitantes.

Fig.41:
Crianças a brincar/escorregar no corrimão das escadas.
Fonte: elaboração da autora.



Fig.42:
Pessoas sentadas nos degraus.
Fonte: elaboração da autora.



4.

INTERVENÇÃO
TEMPORÁRIA

4 - INTERVENÇÃO TEMPORÁRIA

"No espaço urbano sempre ocorre algo. [...] Aqui ou ali uma multidão pode se reunir, objetos amontoarem-se, uma festa ocorrer, um acontecimento, aterrador ou agradável, sobrevir. Daí o caráter fascinante do espaço urbano: a centralidade sempre possível" (Lefebvre, 1999, p. 121).

A decisão de aplicar uma intervenção temporária nas Escadinhas da Saúde vem da vontade de aprimorar a investigação dos diferentes tipos de vivência do espaço através da observação dos indivíduos e suas reações à estímulos externos não habituais.

Por ter sido uma prática de cunho temporário, este exercício - uma intervenção efêmera - pode estar vinculado também a diferentes conceitos de ocupação urbana. Dentre os diversos conceitos disseminados pela prática de intervenção de curta duração, este está essencialmente presente na narrativa do urbanismo tático, pelo qual está também associado a operações de baixo custo e em microescalas. Normalmente a sua execução tem um objetivo muito direto: mudar um contexto urbano, a fim de qualificar o espaço e trazer benefícios diretos para a população local - neste sentido, a população tem poder direto de escolha e tomada de decisão. A Prefeitura de São Paulo (ano) avalia esta atuação do seguinte modo:

"O conteúdo, prazo e nível de temporalidade podem variar de projeto para projeto de acordo com os objetivos e critérios de sucesso definidos para o lugar. Essa forma de atuação se provou uma ferramenta política forte na tomada de decisões, uma vez que mostra diretamente como a vida da cidade será afetada pelas mudanças." (SÃO PAULO, Prefeitura. 2015. p. 7).

Neste trabalho, ou seja, ao tratar da observação do espaço público e decidir por intervir fisicamente nas Escadinhas da Saúde, muitos foram os fatores que se apoiaram neste conceito do urbanismo tático: a intervenção urbana foi implementada em microescala, a nível local, executada com poucos recursos e com um fim de recolha de informações sobre um espaço público que pretendia ser questionado. Entretanto, não houve participação direta de utilizadores locais do espaço nas tomadas de decisão da intervenção.

4.1 – “The effect of more sitting” – O banco vermelho e os registos fotográficos e audiovisuais

Os métodos e ferramentas tomadas como referência no prosseguimento da intervenção foram 1) a aplicação do “The effect of more sitting”, de Jan Gehl (2010) e experienciado em Aker Brygge, pelo qual sugere a distribuição de bancos/cadeiras em determinados cenários a fim de se questionar o potencial de permanência do lugar, e 2) as ferramentas de registro visual utilizadas nos estudos do William H. Whyte (1971 – 1980), pelo qual adotou o “Time-lapse photography- Street ballets on film” em uma investigação desenvolvida em Nova York, a fim de retratar, da forma mais fiel possível, o cotidiano das pessoas em uma esquina de Manhattan.

Ao levar em consideração ambas as metodologias, dois bancos não fixos foram instalados no percurso das escadas e, com um olhar também etnográfico, registrou-se em time-lapse os comportamentos dos indivíduos que ali circulavam. A intervenção e os registos audiovisuais além de terem possibilitado a imersão no campo, resultaram em material palpável e de fácil compreensão para quem quiser adentrar nas mais diversas interpretações.

A motivação para a aplicação de tais metodologias, para além dos fatores que reforçam a facilidade da sua execução e a escala do projeto, vem da oportunidade em focalizar um aspecto específico presente nas questões urbanas: a possível existência de dinâmicas relacionadas à (não)permanência dos indivíduos nas Escadinhas da Saúde e suas (não) reações a estímulos que escapam das rotinas, e potencializar estas ações e reações. Mas por que questionar, então, a (não)permanência daquele espaço? Por que potencializar comportamentos pode ser expressivo e valioso? Como já argumentado previamente, a cidade e os espaços públicos apresentam-se como lugares de possibilidades, visibilidades e experiências.

É preciso sempre destacar e rememorar que o contexto social e espacial das Escadinhas da Saúde está apoiado sobre diversas camadas que percorrem o histórico de constante processo de requalificação urbana em localização central, integrado no sistema de espaço público que permite o acesso às maiores atrações turísticas da cidade. Dito isto, vale também a pena recordar que as Escadinhas já assumiram

diversas formas, com ocupações diferentes - a Figura 43 é um exemplo disto: a ação de permanecer neste espaço já foi motivada pela presença de bancos há algumas décadas. Atualmente, as escadas já não são mais contempladas com estes mobiliários.

Fig.43:

Escadinhas da Saúde antes da intervenção, ano desconhecido.

Fonte: CML / AML / Arquivo fotográfico / PT_AMLSB_LUP_000561



Fig.44:

Intervenção na secção 2 das Escadinhas – dois bancos vermelhos dispostos nos degraus. Fonte: elaboração da autora.



Portanto, neste contexto, é necessário voltar a enfatizar que a observação deve superar aquilo que podemos entender como convenções de mecanismos dos espaços públicos, ou seja, o olhar do investigador deve ir além do que se vê – sendo preciso detectar as intangibilidades e sutilezas do funcionamento dos espaços públicos não só a partir de vivências in loco como a partir da coleta de informações de cunho histórico.

Dentre as observações já amadurecidas neste trabalho, duas conclusões se destacam na legitimização de algumas hipóteses que fundamentam a prática da intervenção. A primeira das conclusões destacadas parte do enquadramento de que as Escadinhas da Saúde transcendem a categorização de espaço “deslocação” – como espaços que existem e funcionam exclusivamente para facilitar processos de locomoção, favorecendo um determinado acesso. A segunda conclusão emerge através da vivência em campo e dos registros previamente elaborados, e considera que existem diferentes tipos de interações sociais entre os usuários do espaço, para além da circulação trivial de um ponto para outro.

É a partir destas observações conclusivas que surge a hipótese de que as Escadinhas da Saúde envolve usos sociais outros e interações específicas entre indivíduos que não se limitam às características que seguem as linhas argumentativas de Simmel (1903) sobre as “atitudes blasé” - isto é, à indiferença demonstrada relativamente às diferenças, em especial, na distinção entre coisas no quadro de um modo de vida metropolitano. Simmel, no ensaio “Metropolis and mental life” descreve o indivíduo blasé como aquele que é incapaz de reagir a novos estímulos com energias compatíveis. Todavia, como se tem vindo a evidenciar nesta pesquisa, o espaço tem potencial para assumir uma serventia também de permanência, descanso e contemplação.

Com as hipóteses definidas, os bancos foram projetados de maneira que sua forma se adequasse à função das escadas – os apoios dos bancos se adaptaram aos níveis dos degraus (Fig.45 e 46). A cor vermelha se destaca sobre a neutralidade do piso, fortalecendo sua presença. Para além da cor, outros elementos evidenciavam a sua presença e foram incorporados aos bancos: livros, revistas e jornais em desuso, oferecidos/doados por amigos.

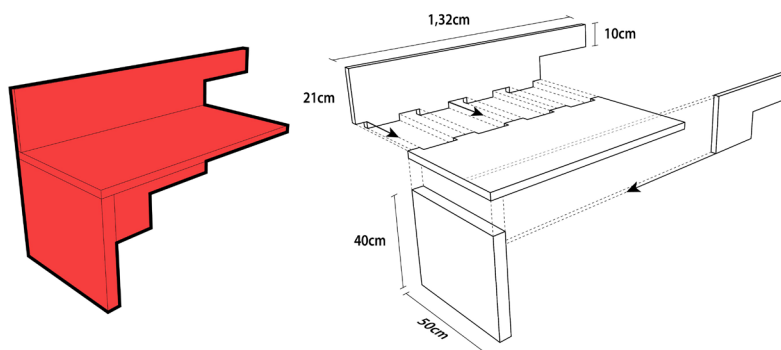


Fig.45:
Diagrama de modelagem e
detalhamento do banco.
Fonte: elaboração da autora.

Fig.46:
Diagrama de enquadramento do banco nas escadas.
Fonte: elaboração da autora.

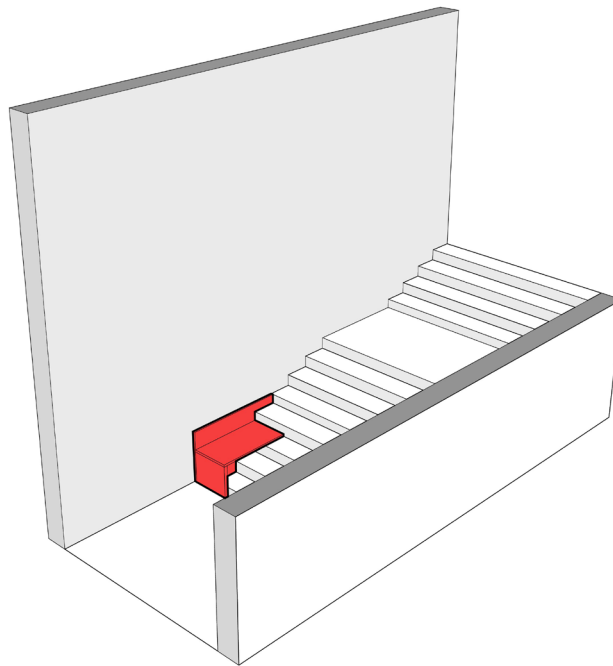


Fig.47:
Diagrama de enquadramento do banco nas escadas.
Fonte: elaboração da autora.

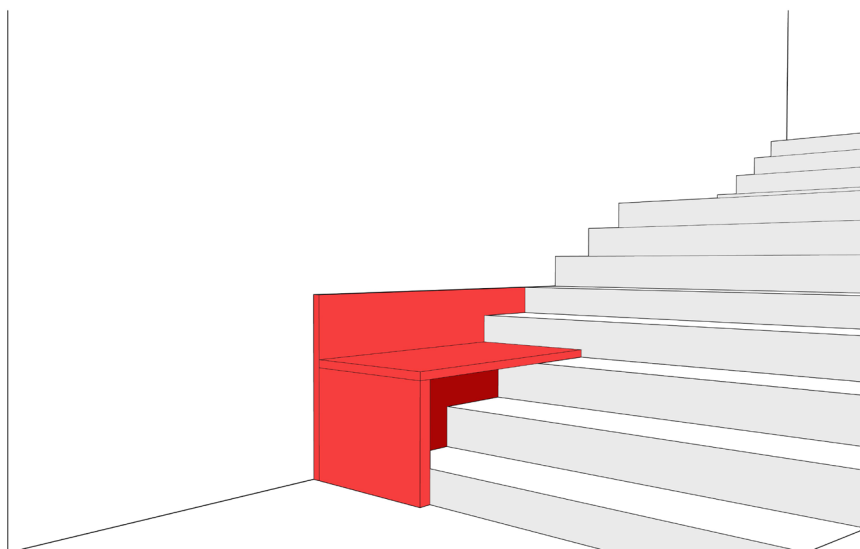


Fig.48:
Implantação do banco nas Escadinhas da Saúde.
Fonte: elaboração da autora.



Fig.49:
Os dois bancos implantados nas Escadinhas da Saúde.
Fonte: elaboração da autora.



Fig.50:
Banco implantado nas Escadinhas da Saúde.
Fonte: elaboração da autora.



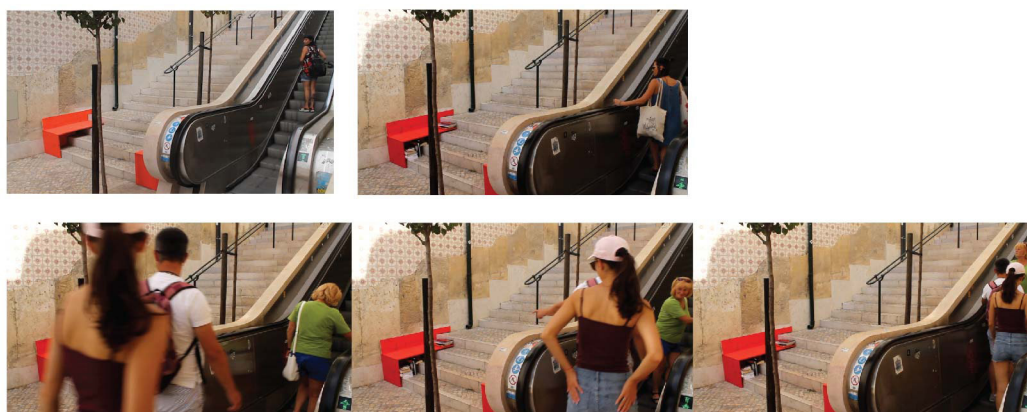
A série de imagens a seguir, capturadas a partir de um recorte audiovisual, ilustra algumas restrições, benefícios e peculiaridades de algumas experiências do percurso através das escadas rolantes, assim como o percurso a pé. Ambas as situações concedem vivências únicas e diferenciadas. Na Figura 53 é possível reparar na maior velocidade com que os movimentos nas escadas rolantes são executados e na frequência com que utilizam suas câmeras fotográficas. Por consequência, negligenciam a intervenção.

O interesse e os olhares, sem efetivamente parar para interagir:



Fig.51:
Recortes de time-lapse.
Fonte: elaboração da autora.

Fig.52:
Recortes de time-lapse.
Fonte: elaboração da autora.



A pausa para descanso - turistas:

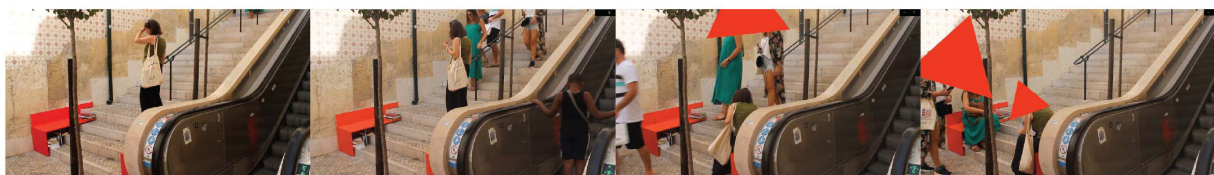


Fig.53:
Recortes de time-lapse - reação de transeuntes turistas pelas escadas convencionais.
Fonte: elaboração da autora.

O interesse tímido/indeciso/confuso - mais presente nos moradores locais:

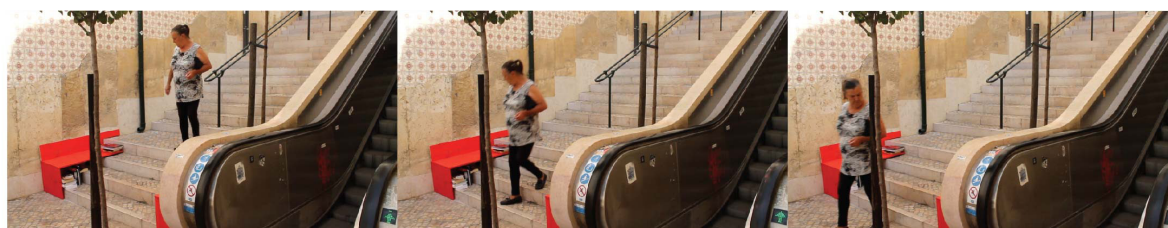


Fig.54:
Recortes de time-lapse - reação de moradores locais.
Fonte: elaboração da autora.



5.

Micro-interações sociais
e o desenho das Escadinhas
da Saúde

5 - MICRO-INTERAÇÕES SOCIAIS E O DESENHO DAS ESCADINHAS DA SAÚDE

A partir da elaboração e aplicação de diferentes ferramentas de observação - como a experiência com o diário de campo, contagens e registros - ficou patente a complexidade do usufruto dos espaços públicos e das Escadinhas da Saúde. Esse traço foi o primeiro passo para detectar e procurar compreender também os diferentes tipos de interações informais públicas e entre estranhos nas constatações e reflexões sobre as Escadinhas da Saúde.

O trabalho de Patrícia Simões (2016) - associado à investigações sobre como a interação social pública entre estranhos ocorre nos espaços públicos - foi basilar no direcionamento e manipulação de tais reflexões, pelo qual enaltece o debate acerca dos aspectos macro e micro-sociológicos da vida pública e a produção dos espaços públicos de forma integrada (uma harmonização da sociologia e do urbanismo). Com o respaldo também do próprio Gehl (1971) e Whyte (1980) - que desenvolvem estudos direcionados à dimensão social do design urbano - este tópico irá referir algumas características do desenho das Escadinhas da Saúde que apóiam o comportamento social em diferentes pontos. As Escadinhas serão enquadradas neste debate, portanto, enquanto um “fourth place”.

5.1 – O conceito de “Fourth Places”

Para uma compreensão clara do significado de “fourth places”, é preciso atravessar o conceito de “third-places”, por possuírem características intimamente relacionadas. Os “third places” assumem diversas formas enquanto espaço público ou semi-público, como as esplanadas, os bares, cafés e praças. É o ambiente social entre os dois espaços sociais primários mais frequentados: a casa (the ‘first place’) e o trabalho (the ‘second place’). Jeffres, Bracken et al (2009) citam Oldenburg e Brissett (1982), “Third places exist outside the home and beyond the ‘work lots’ of modern economic production. They are places where people gather primarily to enjoy each

other's company" (p. 269). A socialização pública informal é um fenómeno primordial nestes espaços.

Muitas destas configurações associadas ao lar, trabalho e "third places" são reconhecidas como locais essenciais que estruturam o comportamento social nos espaços públicos, no entanto não existem estudos detalhados sobre suas características micro-sociais especificamente relacionadas à interação social entre estranhos, o que abre brechas para muitos questionamentos sobre como o design urbano poderia incentivar tais interações sociais.

O estudo de caso de Simões (2016) é uma referência excepcional sobre investigações associadas às interações públicas informais, a partir de uma pesquisa realizada no Parque das Nações, Lisboa, e com base no seu desenho urbano. Os espaços onde se concentram toda a diversidade da vida social cotidiana e dos usuários foram estrategicamente escolhidos para a aplicação de metodologias de observação e análise. O estudo partiu da conceituação de "fourth places" e sua aplicação reveladora no espaço estudado - em paralelo à uma confrontação sobre a definição de "third places".

Assim como os "third places", "fourth places" são um tipo de espaço social informal com características sociais semelhantes. Ambos tem como partida a casa ou o trabalho e são espaços públicos e acessíveis. No entanto, seus tipos de usuários, atividades, locais e condições espaciais são bem distintos. Os "fourth places" são mais socialmente diversos em termos de grupos de usuários, enquanto os "third places" atendem principalmente à vida paroquial entre grupos socialmente homogêneos - ou seja, a interação entre estranhos* nos 'fourth places' é mais evidente. A atividade principal detectada nos "third places" são as conversas, já em "fourth places" são todas as atividades entre as atividades necessárias - 'observar pessoas', 'caminhar', 'esperar', 'matar o tempo'.

Entretanto, a localização e o carácter são as características que mais distinguem os 'fourth places'. Seu atributo essencial é o 'between-space' - 'entre-lugares'. Tais espaços não são funcionalmente distintos, como os 'third-places', - que geralmente se limitam ao tipo de negócios, como esplanadas, cafés ou lojas - mas assumem um carácter entre as definições e funções, verdadeiramente público e anônimo - como as paragens de autocarro e espaços transição entre um estabelecimento e outro.

"Some in-between spaces may also have an extra condition of managerial 'in-betweenness', i.e. overlap of different regimes of control and access. This condition stimulates constant negotiation and creative appropriation among the users of these spaces. This is especially true of spaces where the rules of behaviour and access become blurred and uncertain, e.g.

thresholds in-between the two realms of private and public, and spaces where different mechanisms of spatial control are used, such as the Shopping Centre and the station.” (Simões, 2016)

Muitos destes locais possuem particularidades e formas diferentes, a depender do desenho urbano e da sua forma de ocupação social. Estas formas se traduzem em espaços ‘thresholds’ (os limites), os ‘edge spaces’ (espaços da borda), paths (caminhos), ‘nodes’ (nós) ou ‘props’ (adereço/objeto).

Tais sub-denominações das formas citadas (thresholds, paths, nodes e props) foram identificadas nas diferentes secções do percurso das Escadinhas e seu contexto, comprovando o seu enquadramento no conceito de ‘fourth places’ – o que nos leva a algumas conclusões já articuladas sobre o funcionamento das interações sociais naquele espaço e a influência do desenho das Escadinhas nos comportamentos e interações entre indivíduos.

Fig.55:

Algumas disposições que caracterizam os ‘fourth places’ identificadas na secção 1 das escadas.

Fonte: elaboração da autora.

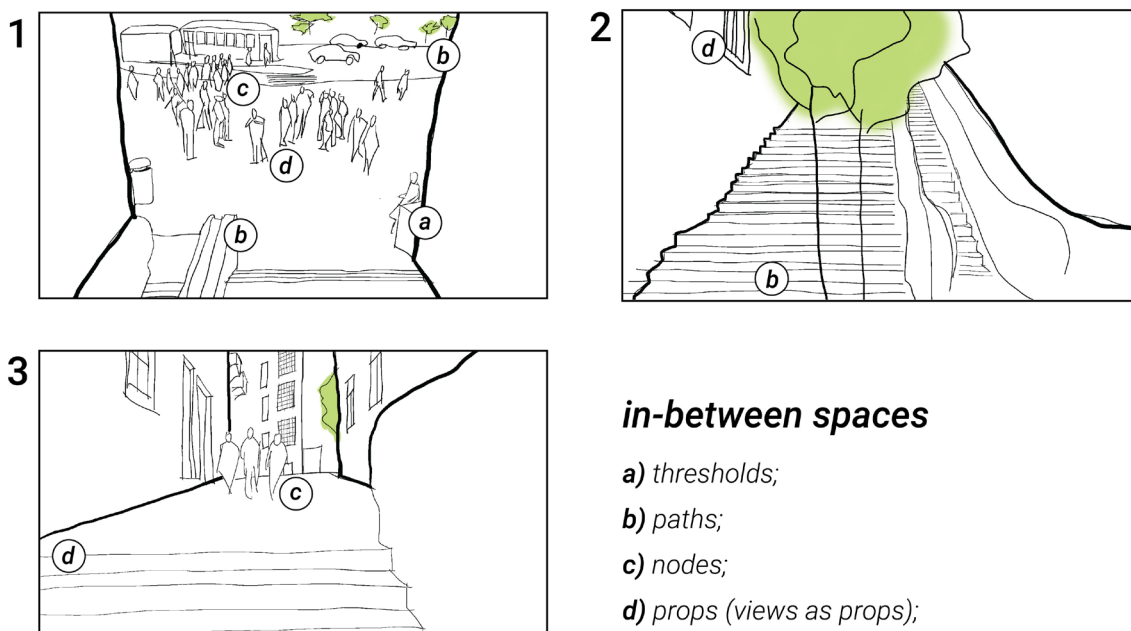


- a) thresholds;
- b) paths;
- c) nodes;
- d) props (views as props);

Fig.56:

Algumas disposições que caracterizam os 'fourth places' identificadas na secção 1, 2 e 3 das escadas

Fonte: elaboração da autora.



5.1.1 – 'Thresholds'

Usualmente estes espaços se encontram em limites de transição entre o público e o privado – como entradas e saídas de estabelecimentos. 'Killing time' e 'waiting' são algumas das ações mais comuns nestes contextos.

Fig.57:

Câmera de segurança instalada nesta zona, simbolizando seu teor também privativo, apesar de ser um espaço denominado essencialmente 'público'

Fonte: elaboração da autora.



Apesar de assumir que as Escadas não são propriamente um estabelecimento ou um espaço de cunho privado, a relação com seu átrio na Rua da Mouraria se comporta como um limite que assume características vinculadas a espaços-partida – são entradas e saídas para um percurso. Experiências que pressupõe um objetivo – chegar ou partir do/para o topo. Tal limite facilita a construção de sua identidade como ponto de referência para encontros, para “passar o tempo” ou para a espera por alguém/algo.

Fig.58:

Pessoas a planejarem, esperarem ou passarem o tempo na secção 1 das Escadinhas da Saúde
Fonte: elaboração da autora.



As imagens capturadas de um registro em time-lapse retratam as pessoas paradas em pontos estratégicos ao pé das escadas. Suas ações posteriores não indicavam necessariamente a chegada ou saída de pessoas pelos degraus, mas a tomada daquele espaço como referência.

5.1.2 – ‘Paths’

Os caminhos – ruas e passeios – enquanto espaços de transição, são potenciais espaços também para socialização. A depender do desenho destes caminhos e das possibilidades que estes dispõem, as interações podem ser mais ou menos estimuladas. No caso das escadinhas observadas, os passeios em cada secção têm disposições diferentes.

Na primeira secção, onde as escadas partem da Rua da Mouraria, as possibilidades de rotas e interações são mais alargadas, dado o desenho deste recorte. O átrio da Rua da Mouraria é amplo, aberto e envolvido por imensos estímulos visuais e

de serviço – isto leva a encontros e desencontros entre rotas de indivíduos com objetivos variados. O desenho do corredor das escadas tem uma direção diferente: é envolvido por elementos físicos – paredes e fachadas de prédios – com uma dimensão restrita e objetivos em comum: chegar ao topo ou descer para a base. A experiência do indivíduo que se encontra no átrio e adentra nas Escadinhas (ou que se encontram nas Escadinhas e adentram o átrio) ganha uma dimensão interessante: a percepção de amplitude e multidireção versus um isolamento e unidireção.

Fig.59:

Esquema dos caminhos/circulações possíveis a serem feitos na primeira secção das Escadinhas – o acesso à Rua da Mouraria.
Fonte: elaboração da autora.

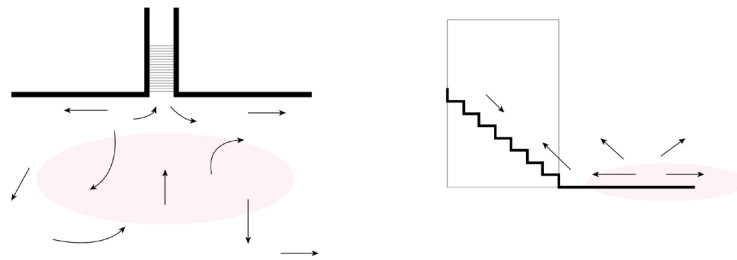


Fig.60:

Esquema da circulação unidirecional e do efeito isolado na secção 2 do percurso das Escadinhas da Saúde.
Fonte: elaboração da autora.

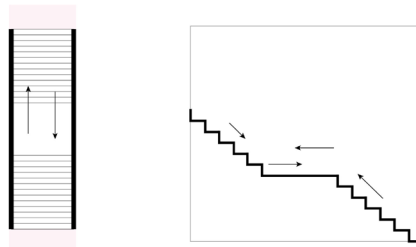


Fig.61:

Fotografias das Escadinhas em perspectivas diferentes na secção 2 – ponto intermédio; Nestas imagens fica mais claro reparar nos elementos físicos que compõem e direcionam a "path" – as paredes altas e edifícios. Fonte: elaboração da autora.



Na mesma lógica – mas em termos ainda muito peculiares – o desenho das escadas e sua relação com o contexto da secção 3 (o topo) tem um impacto também distinto nos indivíduos e potencializa outros tipos de interação. Ao chegar ao topo das escadinhas – que dá acesso à rua do Marquês Pontes de Lima – tens à vista edifícios majoritariamente residenciais à volta, que direcionam e restringem a amplitude da visão e as formas de se locomover. Para além de descer ou subir as escadas, tens apenas mais duas opções de locomoção: seguir a direita ou à esquerda.

Fig.62:

Esquema de circulação na secção 3 das Escadinhas da Saúde.
Fonte: elaboração da autora.

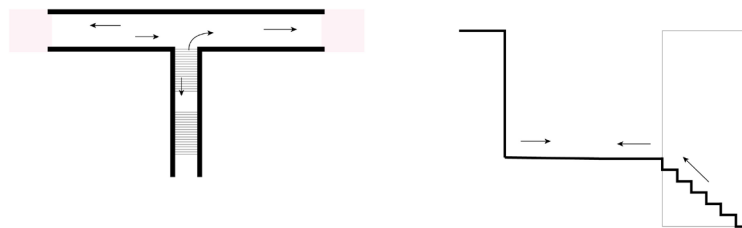


Fig.63:

Fotografia da secção 3 das Escadinhas da Saúde.
Fonte: elaboração da autora.



Apesar de serem três pontos de “paths” que orientam experiências do espaço distintas, que limitam ou expandem os sentidos de direção e diversificam ou homogeneizam os objetivos de rota, todos têm potencial para desenvolvimento de interações sociais, sobretudo quando estão articulados outros aspectos (como os nodes, props e thresholds) nas proximidades. As ações como “walking”, “stopping for events” e “watching” são as mais recorrentes nestes espaços.

5.1.3 – ‘Nodes’

Os ‘nodes’ (nós) são referentes à pontos estratégicos para tomadas de decisão de/entre indivíduos. Para serem considerados pontos ‘nodes’, precisam repre-

sentar mais do que um espaço para circulação, devem centrar atividades com fins significativos (conexões de transportes ou shops).

Como já referido em diário de campo em pontos anteriores ao refletir sobre o grupo majoritário de frequentadores do espaço – os turistas - e o significado que as Escadinhas da Saúde assumiriam neste contexto, é comum envolver o processo de decisão sobre subir/descer ou não as escadas na experiência da sua utilização – “Para que lado vamos?”, “Com o que iremos nos deparar lá em cima?”. A demanda de um tempo para tomarem decisões conjuntas entre grupos de indivíduos, olharem para o mapa ou procurarem por placas sinalizadoras, implica também uma ocupação do espaço de forma aglomerada, onde se acumulam ações deste cunho ao pé das escadas.

Para além das aglomerações ao pé das escadas, nas imediações do átrio na Rua da Mouraria, outros “nodes” também são detectados. Devido a paragem do elétrico e autocarros, filas volumosas se formam naquele cenário. Tais filas de espera também se enquadram nesta definição de pontos estratégicos de tomadas de decisão.

Fig.64:

Registros dos dois pontos de ‘nodes’ na secção 1 e imediações.
Fonte: elaboração da autora.



5.1.4 – ‘Props’ - views as props/small scale

‘Props’ são elementos – arte pública, instalações artísticas ou equipamentos urbanos - que facilitam a triangulação das interações. Tais elementos necessariamente chamam a atenção e resguardam alguma informação estimulante para quem aprecia. Normalmente, os props combinados a outros between-spaces, são peças significativas para o estímulo de sociabilidades.

Nas três secções das escadas, os ‘props’ são identificados em diferentes formatos. Na secção 1, o desenho da própria escada é um ‘prop’. É comum pessoas só apreciarem a sua altura e funcionamento, quase que como um monumento escultural que realmente tem um destaque dentre o cenário a volta – fotografam e contemplam.

Fig.65:

Registros de elementos que se traduzem em "props" nas diferentes secções das Escadinhas da Saúde. Fonte: elaboração da autora.



Na secção 2, os 'props' aparecem enquanto elementos de fachadas residenciais (Fig. 66) – padrões de ladrilhos, esquadrias de portas e janelas (Fig. 67) – e com vistas (Fig. 70) à medida que se atinge uma certa altura ao subir ou descer as escadas. Além das composições de fachadas e vistas representadas como miradouros, outras formas de expressão estão presentes: graffiti e auto-colantes (Fig. 68 e 69). Estes de cunho publicitário, político ou artístico.

Fig.66:

Colagem de algumas fachadas que compõem o trajeto das Escadinhas. Fonte: elaboração da autora.



Fig.67:

Elementos 'props' que se destacam no trajeto das Escadinhas – padrões de ladrilhos e esquadrias de janelas e portas – representações peculiares da cultura Lisboaeta.

Fonte: elaboração da autora.



Fig.68:

Graffites como forma de expressão na secção 2 das Escadinhas

Fonte: elaboração da autora.



Fig.69:

Auto-colantes de cunho publicitário e/ou político nas escadas mecânicas.

Fonte: elaboração da autora.,



Fig.70:

Vistas panorâmicas ao se aproximar da secção 3 das escadas – topo

Fonte: elaboração da autora.,





6.

CONCLUSÃO

6. CONCLUSÃO

Com este trabalho, numa primeira frase, procurei explorar algumas metodologias de produção de diagnóstico do espaço público, com base em ferramentas transdisciplinares de análise. A partir do estudo das sociabilidades e espacialidades urbanas, reúní algumas técnicas de caracterização do espaço público com um aprofundamento no ato de observar e registrar a vida pública no âmbito do planeamento urbano. Afinal, as cidades são um produto dos indivíduos, das suas relações e interações.

As Escadinhas da Saúde foram um objeto de estudo essencial no processo e, por estarem inseridas em uma categorização múltipla e pouco óbvia de espaço público que transita entre as representações de valor no centro da cidade de Lisboa, foram alvo das aplicações e experimentações de determinadas metodologias de análise e observação. Com o entendimento da observação direta e multidisciplinar, o trabalho me proporcionou a vivência daquele espaço público enquanto indivíduo que usufrui, contempla e intermedia usos.

As metodologias e ferramentas utilizadas para observar e interpretar as Escadinhas da Saúde e seu entorno foram definidas a partir de abordagens diversas, que compreendiam o entendimento do seu contexto histórico e o desenvolvimento de mapeamentos do lugar e suas adjacências - mapas do traçado urbano, hierarquização de vias de acesso e topografia do terreno. As aplicações das contagens e elaboração de dados, assim como o diário de campo foram basilares no processo de caracterização do espaço.

Destas aplicações resultaram dados objetivos e subjetivos de funcionamento do espaço público das Escadinhas da Saúde. Na reconstituição que a pesquisa realizou das suas dinâmicas sociais foram levadas em consideração expressões e comportamentos específicos pelos usuários, como o parar para fotografar/contemplar, o “sentar” e as esperas.

Com a identificação das matrizes dos “serviços”, “valores”, “actores” e “sistemas” daquele lugar, ou seja, com a identificação da relação das Escadinhas da Saúde com a envolvente, a serventia do espaço, os actores utilizadores e os diferentes valores atribuídos ao espaço público referido, foi possível concluir que as Escadinhas

transcendem a categorização de espaço “deslocação” – como espaços que existem e funcionam exclusivamente para facilitar processos de locomoção, favorecendo um determinado acesso. Através destas vivências em campo e dos registros previamente elaborados, é conclusivo que existem diferentes tipos de interações sociais entre os usuários do espaço, para além da circulação trivial de um ponto para outro. O espaço tem potencial para assumir uma serventia também de permanência, descanso e contemplação. A estrutura das Escadas é também paisagem e instrumento interativo, que desperta a troca e a interação entre estranhos.

Enquanto as metodologias de observação aplicadas nas Escadinhas trouxeram conclusões do espaço enquanto “palco e plateia”, como referido na Introdução, de interações e dinâmicas sociais variadas consoante o seu enquadramento na morfologia urbana e seus atributos físicos nos diferentes pontos do seu desenho arquitetónico, a intervenção temporária veio a somar resultados referentes acerca da vida pública, e avivou outros aspectos relativo aos utilizadores daquele espaço. A inserção dos bancos despertou estímulos diferentes em indivíduos identificados como “turistas” e os indivíduos “não-turistas”. A experiência dos turistas é de maior abertura e acolhimento aos estímulos que os rodeiam, pela constante busca do novo. Já o utilizador “não-turista”, é menos impactado pelos atributos físicos que os rodeiam.

As escadas mecânicas, ao mesmo tempo que restringem a experiência do percurso a pé, adicionam um outro tipo de vivência do espaço - é possível aqui construir uma referência comparativa com as vias de transporte motorizado e os passeios, onde um deles tem uma velocidade e percepção de tempo mais acelerada.

No último capítulo e após as diferentes experiências de coleta de dados, algumas combinações de informações são reveladoras para um novo enquadramento das Escadinhas da Saúde enquanto um “Fourth Place”. O trabalho de Patrícia Simões (2016) - associado à investigações sobre como a interação social pública entre estranhos ocorre nos espaços públicos - e com o respaldo também do próprio Gehl (1971) e Whyte (1980), tornou possível identificar algumas características do desenho das Escadinhas da Saúde que apóiam o comportamento social em diferentes pontos e analisar tais condutas e interações em termos e noções trabalhados na investigação em desenho urbano, arquitectura e urbanismo, antropologia e sociologia.

As Escadinhas da Saúde são um tipo de espaço social informal, que tem como partida a casa ou o trabalho e são espaços públicos acessíveis. Socialmente diversos em termos de grupos de usuários, que tem como atividade principal detectada “as atividades entre as atividades”, como “observar pessoas”, “caminhar”, “esperar”, “matar o tempo”. Seu atributo essencial é o ‘between-space’ - ‘entre-lugares’. O espaço assume um carácter entre as definições e funções, verdadeiramente público e anônimo, como um espaço de transição entre um estabelecimento e outro.

Algumas destas particularidades das Escadinhas foram fundamentadas a partir do seu desenho - a sua base (seção 1), o meio (seção 2) e o seu topo (seção 3). A base das Escadinhas (seção 1) assume uma identidade enquanto ponto de re-

ferência para encontros, para “passar o tempo”/para a espera por alguém/algo, e como ponto estratégico para tomadas de decisão de/entre indivíduos - referido por Simões (2016) como um espaço ‘Threshold’ e ‘Node’. A base das Escadinhas (a seção 1) tem essas características por estar conectada ao átrio da Rua da Mouraria, espaço amplo, de confluências entre vários lugares chave no centro de Lisboa. Já o meio das Escadinhas (a seção 2) são espaços de transição e que possuem também elementos ‘Props’ - ou seja, que chamam a atenção e resguardam alguma informação estimulante para quem aprecia. Estes elementos que se destacam aparecem em fachadas residenciais – padrões de ladrilhos, esquadrias de portas e janelas – e no próprio percurso, à medida que se atinge uma certa altura ao subir ou descer as escadas, com uma vista chamativa - e, portanto, o topo das escadas (seção 3) também assumem essa identidade. Além das composições de fachadas e vistas representadas como miradouros, outras formas de expressão estão presentes: grafites e auto-colantes - estes de cunho publicitário, político ou artístico.

Concluo que as dinâmicas de interação social variam bastante no decorrer do percurso e nos arredores das Escadinhas da Saúde, consoante o tipo de usuário, o seu posicionamento nas escadas, o tipo de estímulo que está a ser submetido, o (não)funcionamento das escadas rolantes, e outras variantes que podem ser incontáveis. Contudo, o espaço tende a ter características micro-sociais especificamente relacionadas à interação social entre estranhos, o que abre brechas para muitas reflexões sobre como o desenho urbano poderá incentivar ainda mais tais interações sociais, não só nas Escadinhas da Saúde como em outros espaços públicos com potencialidades semelhantes.

Por fim, é importante reiterar que a participação da população é fundamental na definição/caracterização de um espaço urbano e no seu planejamento. Os métodos investigados neste trabalho - no âmbito da observação e análise indireta

“Não existem dois espaços iguais e não existem normas imperativas ou uniformes que assegurem o bom desenho do espaço público. O bom desenho do espaço público deriva de um entendimento sistemático e cuidado do lugar e do contexto ambiental, cultural, social, económico e político.” (Brandão, 2002. p.18)

BIBLIOGRAFIA

Antunes, H. F. (2014). **O modo de vida urbano: pensando as metrópoles a partir das obras de Georg Simmel e Louis Wirth**. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, (15).

AGIER, Michel (2011). **Antropologia da Cidade. Lugares, situações, movimentos**, editora Terceiro Nome, Graça Cordeiro Translator

As Escadinhas e a Rua da Senhora da Saúde contra a peste - <https://toponimialisboa.wordpress.com/2017/03/01/as-escadinhas-e-a-rua-da-senhora-da-saude-contra-a-pestes/>

BEEBEEJAUN, Yasminah (2017). **Gender, urban space, and the right to everyday life**, *Journal of urban affairs*, VOL. 39, NO. 3, 323–334

BRANDÃO, Pedro. (2011) **O sentido da cidade: ensaios sobre o mito da imagem como arquitectura**. Livros Horizonte, Lisboa, 2011.

BRANDÃO, A., & Brandão, A. (2018). **Lugares comum: Guia de avaliação e interpretação do espaço público**. Lisboa: Ist-id, Associação do Instituto Superior Técnico Para A Investigação e Desenvolvimento.

BRANDÃO, Pedro (2002), **O chão da cidade – Guia de avaliação do design de espaço público**

Carmona, M. (2021). **Public places urban spaces: The dimensions of urban design**. Routledge.

Carmona, M., De Magalhaes, C., & Hammond, L. (2008). **Public space: the management dimension**. Routledge.

Carmona (2010). **“Contemporary Public Space, Part Two: Classification.”** *Journal of Urban Design* 15: 157–173.

Castello, L. (2005). **Repensando o lugar no Projeto Urbano. Variações na Percepção de lugar na Virada do Milênio (1985-2004)**.

- CASTRO, Alexandra (2002), **Espaços Públicos, Coexistência Social e Civilidade, em Cidades- Comunidades e Territórios**, n.º 5, pp. 53-67
- CORDEIRO, Graça (2010). **As Cidades Fazem-se por Dentro: Desafios de etnografia urbana, em Cidades- Comunidades e Territórios** Dez. 2010, n.º 20/21, pp. 111-121
- DOVEY, Kim (1999), **Framing Places: Mediating power in built form**, Routledge
- DGOTDU. (2008). **A identidade dos lugares e a sua representação coletiva: Bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público**. Lisboa, Portugal. Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (DGOTDU). Obtido em: https://www.dgterritorio.gov.pt/sites/default/files/publicacoes/S_Politica_Cidades_3.pdf
- Francisco Oliveira e Gabriel Bollafi, **Aspectos Metodológicos do Planeamento Urbano no Brasil**
- Frúgoli Jr, H. (2005). **O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia**. Revista de antropologia, 48, 133-165.
- Franck, K. e Stevens, Q. (2006), **Loose Space: Possibility and Diversity in Urban Life**, London, 1st edition, capítulo 1
- FORMA URBIS LAB, Coordenação Carlos Dias Coelho. (2015), **Os elementos Urbanos**, 2ª edição
- Gehl, J., & Svarre, B. (2013). **How to study public life** (Vol. 2). Washington, DC: Island press.
- Gehl, J. (2013). **Cidades para pessoas** (Vol. 2). São Paulo: Perspectiva.
- HIRSCHAUER, Stefan (2005), **On Doing Being a Stranger: The Practical Constitution of Civil Inattention**
- Jeffres, L. W., Bracken, C. C., Jian, G., & Casey, M. F. (2009). **The impact of third places on community quality of life**. Applied research in quality of life, 4(4), 333.
- José Guilherme Magnani (2002) **De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana**
- Jacobs, J. (2000) **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes

Leite, J. S., Silva, J. M., Trindade, L., Pereira, P., Barreiros, S., Proença, S. P. F., & Monteys, X. (2014). **Os elementos urbanos**, de Carlos Dias. REVISTA DE MORFOLOGIA URBANA, 2(1), 47.

LOPES, André e LOUREIRO, Carlos (2012). **Dimensões do Planejamento Urbano Integrado: Revisão Histórica e Discussão Conceitual**

Lynch, Kevin (1960). **A Imagem da Cidade**. Harvard: Edições 70.

MADANIPOUR, Ali (2003). **Public and Private Spaces of the City**. first published by Routledge, New York;

MEHTA, Vikas (2013). **The Street. A quintessential Social Public Space**.

Mitchell, D. (2003). **The right to the city: Social justice and the fight for public space**. Guilford press.

Netto, Vinicius M (2014). **Cidade & sociedade**. Porto Alegre: Sulina

Nunes, J. P. (2016). **Sidewalk Encounters: Card Playing and Neighborhood Use in a Lisbon Suburb**. In **Public Spaces: Times of Crisis and Change**. Emerald Group Publishing Limited.

Oldenburg, R. & Brissett, D. (1982). **The third place**. *Qualitative sociology*, 5(4), 265-284

Pimentel, M. R. (2013). **A Experiência Turística e a Imaginabilidade da Paisagem Urbana**. ROSA DOS VENTOS-Turismo e Hospitalidade, 5(3).

Ryan, C. (1995). **Recreational Tourism: a social perspective**. Londres/Nova Iorque: Routledge.

Richard E. Ocejó e Stephane Tonnelat (2013). **Subway diaries: How people experience and practice riding the train**, New York University

Sanoff, H. (1999). **Community participation methods in design and planning**. John Wiley & Sons.

Simmel, G. (2012). **The metropolis and mental life** (pp. 37-45). Routledge.

SIMÕES, Patrícia (2016). **'Fourth places': the contemporary public settings for informal social interaction among strangers**, *Journal of Urban Design*, 21:1, 124-152, DOI:

10.1080/13574809.2015.1106920

VELHO, Gilberto (1989). **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social**, edição 5

WHYTE, William (1980). **The Social Life of Small Urban Spaces**, Washington, DC.

Wates, N. (2014). **The community planning handbook: how people can shape their cities, towns and villages in any part of the world**. Routledge.